

Trimestral  
Genebra  
Suíça  
Ano VI  
Setembro  
2006  
Bilingue

# Pessoas

n°23

encontros culturais

*Distribuição gratuita*

**Análises**

**Comentários**

**Contos**

**Crónicas**

**Entrevistas**

**Eventos**

**Galeria**

**Opiniões**

**Poesia**

**Roteiros**



*Embaixador de Portugal na Suíça  
Dr. Eurico Jorge Henriques Paes*



# SÓ PODE TER IDO AO BES

## CRÉDITO HABITAÇÃO **BES**

O Ricardo sabe onde mora a solução. Escolheu o Crédito Habitação do BES, na modalidade que lhe permite deixar 30% do valor da casa para pagar no final do empréstimo. Logo tem prestações mais baixas, logo pode ter uma casa melhor. Para quem, como o Ricardo, gosta de saber com o que conta, é bom contar com o Crédito Habitação mais completo do mercado.



**BANCO  
ESPIRITO  
SANTO**

Quem  
sabe, sabe  
e o Ricardo  
é que sabe

Av. de Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne

Tél. +41 21 614 00 14 • Fax: +41 21 614 00 15

Câmbio +41 21 614 00 16 WWW.BES.PT

E-mail: emigr@bes.ch • BESDIRECTO: 008000 24 7 365 0

**Propriedade**  
L.C.

**Director**  
António Pinheiro

**Edição**  
A.P.I.C.

**Chefe de Redacção**  
Luz Neto

**Redactores permanentes**  
António Louçã  
Benjamin Ferreira  
Catarina Reis  
Paulo Morgado  
P. Bártoło  
Raquel Ferrari  
Rosa Adanjo

**Colaboraram neste número**  
Álvaro Fernandes  
Clément Puipe  
Edite Correia  
Eduardo Pinho  
Gabriela Silva  
Giuseppe Patanè  
Luís Florêncio  
Luísa Costa  
Lurdes Trindade  
Mafalda Oleiro  
Manuel Bernardo  
Miguel Neves Passarinho  
Rogério Feitor  
Rose-Mary Magnin

**Grafismo e Paginação**  
Eduardo Pinho

**Fotografia**  
António Pinheiro  
Mário Pereira  
Octávio Xisto

**Publicidade**  
Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine  
CP 1877  
1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18  
1201 Genève Suisse  
Tel +41 22 738 85 25  
Fax +41 22 738 88 37  
pessoasmagazine@bluewin.ch

**Periodicidade trimestral**  
Assinatura  
20 frs / ano – Suíça  
40 frs / ano – Europa  
Tiragem deste número  
5.000 exemplares

**Distribuição gratuita**

Leia a **Pessoas** na internet  
[www.espacoportugues.ch](http://www.espacoportugues.ch)

- 4-5..... Editorial  
6..... Escola para que te quero!  
7..... As boas prédicas de Frei Tomás  
8..... Notas Soltas  
11..... As vacas  
12..... Rembrandt e Cézanne  
14..... À la recherche de la vérité perdue  
18..... Dos Otamanes à Turquia de hoje  
21..... Observatório de Genebra  
23..... Entrevista – Embaixador Dr. Eurico Paes  
32..... L'intégration fêtée à Sion  
33..... Via Láctea  
34..... Pedras da vida  
36..... A sorte protege os audazes  
38..... Uma história antiga  
40..... Spots turísticos  
42..... Roteiros – Aigle  
45..... Brigada Ligeira  
46..... Endereços úteis



# Pessoas

Distribuida na Suíça por



# LEDOSA

JOSÉ ANTÓNIO LEDO

Distribuidor, em toda a Suíça, da imprensa portuguesa e espanhola

Rue des Gares • 1201 Genève • Tel: 022 740 42 20 • 022 740 20 73 • Fax: 022 740 42 22

Pour la première fois les étrangers de Genève ont été appelés à voter. La presse locale a fait les titres de ce “cadeau” aux émigrants. Mais en définitive, le nombre des nouveaux votants n’a pas diminué celui des abstentions.

Les raisons de cette attitude abstentionniste sont certainement multiples et même acceptées par les Genevois, mais pour les étrangers l’inégalité continue: pouvoir élire mais ne pas pouvoir être élu. Merci beaucoup pour cette “ouverture si démocratique”. Les étrangers continueront d’avoir le dos tourné tandis que le nombre “noir” des abstentions se cristallise. La pondération genevoise s’impose!...

Les remodelages du système éducatif au Portugal ont amené dans la rue la contestation de milliers d’enseignants. Et dans ce bras de fer, syndicats et ministre se sont répandus en commentaires et en opinions contradictoires. Y aura-t-il une plateforme d’entente?

Un enseignement instable convient-il à la génération future? Une éducation qui ne la responsabilise pas? Une école de facilités?... Le monde du travail est compétitif et ne se satisfait pas d’un *“laisse tomber, si on ne le fait pas aujourd’hui, on le fera demain”*.

Gouvernement et Ministère de l’éducation, finissez-en de cette incompatibilité chronique que vous avez avec les professeurs, car le chaos d’irresponsabilité qui s’installe en ce moment n’est pas la seule faute des enseignants. Comme ce n’est pas non plus la faute des chargés d’éducation et des professeurs des Services d’appui de l’enseignement portugais en Suisse si la situation continue d’être bloquée.

L’année scolaire débute comme un voilier à qui on a coupé les voiles, au commencement de son voyage.

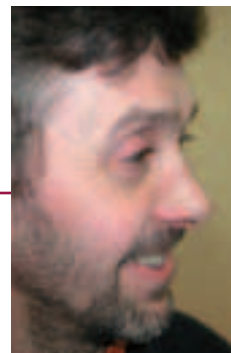
La négociation du passage de la tutelle de l’enseignement du Ministère de l’éducation à celui des Affaires étrangères sera-t-elle si difficile? Les élèves/fils des émigrants ne sont-ils pas aussi importants que les autres? Les documents, dans les “cabinets” de Lisbonne, mettront-ils toujours trois mois pour passer du troisième au cinquième étage comme cela est déjà arrivé, confiant dans la proverbiale tolérance de l’émigrant?

Le moment est venu de résoudre cette situation. C’est notre argent qui finance les salaires de ceux qui, de leur propre chef, devraient travailler afin de résoudre nos problèmes, et pas pour de pseudo-réunions, pseudo-débats, qui ne se signalent par rien... La patience a des limites!

Nous sommes en plein automne des vendanges et des marrons. Cette année, la récolte vinicole est de qualité selon les experts. La Saint Martin va arriver sous peu et, avec elle, nous souhaitons à nos lecteurs bonnes dégustations des vins et bonnes brisolées.

*Les a Pessoas é saber mais!*





Pela primeira vez os estrangeiros, em Genebra, foram chamados a votar. A imprensa local fez títulos com essa “oferta” aos emigrantes. Mas, contas feitas, no final, o número dos novos votantes não diminuiu o número da abstenção.

Razões para esta situação abstencionista se manter pode haver muitas e até acatadas pelos genebrinos, mas para os estrangeiros continua a desigualdade: poder eleger mas não poder ser eleito. Muito obrigado, por essa “abertura tão democrática”. Os estrangeiros continuarão de costas voltadas enquanto o negro número da abstenção cristaliza. Ponderação genebrina, impõe-se...!

As remodelações no Sistema Educativo, em Portugal, trouxeram para a rua a contestação de milhares de docentes. E, num braço de força, sindicatos e ministra desdobram-se em comentários e pareceres contraditórios. Haverá ou não uma plataforma de entendimento?

Convém à geração futura um ensino instável? Uma educação que não a responsabilize? Uma escola de facilidades?... O mundo do trabalho é competitivo, não se compraz com o “*deixa lá, se não fazes hoje, fazes amanhã*”.

Governo e Ministério da Educação, acabem com essa incompatibilidade crónica que têm com os professores, porque o caos de irresponsabilidade que se está a instalar, neste momento, não é somente culpa dos docentes.

Como também não é culpa dos encarregados de educação e dos professores os Serviços de Apoio do Ensino Português, na Suíça, continuarem encerrados.

Arranca o ano escolar e, qual veleiro que empreende viagem, cortam-lhe as velas.

Será, assim, tão difícil a negociação da passagem da tutela do Ensino do Ministério da Educação para o Ministério dos Negócios Estrangeiros? Será que os alunos/filhos dos emigrantes não são tão importantes como os outros? Será que os documentos, nos “gabinetes” de Lisboa continuam a precisar de três meses para passarem do 3º andar para o 5º, como já aconteceu, ou confiam na proverbial tolerância do emigrante?

Já vai sendo tempo de resolverem esta situação. É que o nosso dinheiro está a pagar salários a quem de direito devia trabalhar para resolver os nossos problemas, não para pseudo-reuniões, pseudo-debates abalizadores de coisa nenhuma... A paciência tem limites!

Estamos em pleno Outono das vindimas e castanhas. Este ano a safra vinícola foi de qualidade, segundo os entendidos. O São Martinho vem aí e, como tal, desejamos aos leitores boas, provas de vinhos e bons magustos.

António Pinheiro

## PESSOA



### Café Littéraire

*simplesmente diferente*



## Escola para que te quero!

### As necessidades de Camões

**D**izer-se que o modelo de ensino da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro está com os dias contados, é uma ousadia. Mas digá-mo-lo com franqueza, digá-mo-lo sem medo com a brevidade que as coisas sérias exigem. O ensino de português no estrangeiro (EPE) está, obviamente, em processo acelerado de reformulação ou de extinção.

O **modelo** de aprendizagem da língua e da cultura portuguesa – **paradigma**, como se diz nos dias de hoje – destinado aos portugueses residentes no estrangeiro, viaja nas águas turbulentas ou incertas de um fim de reino. Reino de excessos e corporativismos, de jogadas mansas e manhosas, de muitas promessas de gabinete e pouca consistência no quotidiano das escolas. Ou seja, no quotidiano de centenas, de milhares de alunos, os actores do EPE representaram peças políticas e sindicais imprevistas e, de quando em vez, andaram metidos em guerras de alecrim e manjerona.

O dito paradigma de trabalho, dado tratar-se disso mesmo, de trabalho, esgotou-se e cansou-se de percorrer quilómetros de protestos e de gritar centenas de esquemas mentais, bem rodados em escolas portuguesas. Só que trabalhar no “estrangeiro”, é coisa outra, é outro compromisso pedagógico e outra responsabilidade social. É, obviamente, outro contexto cultural, social e, logicamente, salarial.

Em entrevista publicada neste número, ninguém

nos disse que estava tudo acabado, ninguém nos afirmou tamanha “aleivosia” – diriam sindicalistas aguerridos – e ninguém nos pediu para silenciarmos o que lemos nas entrelinhas: o ensino de português no estrangeiro, se me permitem a asneira, “camonizou-se”.

Deixou, ou vai deixar de ser tutelado pelo Ministério da Educação, para passar a sê-lo pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros. Suponho que quem ganha com esta mudança é o Ministério da Educação já que o Instituto Camões não deve saber bem no que se mete. A título de exemplo, e mesmo com ventos favoráveis, o Instituto Camões vai assistir a tempestades tropicais por causa da escassez de salas de aula e por causa do elevado/escasso número de alunos por turma. Quando chegar a época de notas e de exames, os alaridos de protesto devem prolongar-se até às neves natalícias. Anunciam-se aturados “cases studies” para diplomatas estudiosos!

Face aos turbulentos momentos que se avizinham e procurando ver esta nova situação com o optimismo que os tempos exigem – cada vez há menos alunos e, cada vez, há mais professores disponíveis – os professores terão que fazer parte da solução e não do problema: grande tarefa para afirmação do bom senso, da fineza do gesto negocial e do enquadramento pedagógico e político de soluções inovadoras..

O seu site. A nossa imagem. Os mesmos objectivos.

- Alojamento Web desde 1.95€
- Domínios a partir de 7.90€
- Construímos sites profissionais

**WEBHOSTPT.com**  
MAIS SOLUÇÕES PARA SI!

[www.webhostpt.com](http://www.webhostpt.com)

## As boas prédicas de Frei Tomás

“**B**em prega frei Tomás: faz o que ele diz, não faças o que ele faz”. Cunharam esta máxima resignada os povos que ao longo de séculos se habituaram a ouvir o clero praticar a gula e pregar a frugalidade. O papa esperava talvez que os críticos potenciais do seu discurso na Universidade de Ratisbona fossem desmobilizados por esse espírito de resignação. Afinal, enganou-se.

Deixemos agora de lado a reacção violenta de alguns muçulmanos repetidamente humilhados por potências ocidentais, e que agora dão vazão aos seus sentimentos de frustração. Já aqui criticámos essa mesma reacção a propósito das caricaturas dinamarquesas e nada haverá agora a acrescentar. Consideremos apenas as reacções ao discurso papal que foram fundamentadas com argumentos racionais.

Desse ponto de vista, o primeiro problema do discurso papal é o de se encontrar ao serviço de uma lógica de “confronto de civilizações”. Ao abrir as hostilidades contra o islamismo, Ratzinger alinhou incondicionalmente na estratégia de Rumsfeld e Cheney e fez tábua rasa das reservas que Wojtila tinha manifestado contra a invasão do Iraque.

O segundo problema é o de cometer uma falsificação histórica, ocultando a floresta por trás duma única árvore. Nem Maomé foi um defensor da conversão forçada dos não-muçulmanos, nem o islamismo em geral tem sido menos tolerante do que as outras grandes religiões do planeta. As tendências fundamentalistas que existem na religião islâmica, como em todas as outras, nunca tiveram nela um papel tão influente como as tendências equivalentes, por exemplo, na igreja católica.

E com isto, chegamos a um terceiro problema: bem prega Ratzinger sobre a tolerância religiosa. Façamos a esse respeito o que ele diz, mas não o que ele faz. Chegados que somos a este

ponto, perguntará o perspicaz leitor: o que tem de mal a prática de Ratzinger, se a Inquisição e as Cruzadas já lá vão? Não estamos a viver voltados para o passado? Não seria melhor virarmo-nos para o futuro?

Tudo perguntas legítimas. Lembremos, no entanto, que foi Ratzinger quem teve a ideia de ir buscar para o seu discurso uma citação de há cerca de 600 anos, que por sua vez se referia a factos já então com vários séculos em cima. Passou o passado da igreja católica mais do que o passado do islamismo? Não parece: ainda recentemente, o desastrado presidente norte-americano pedia uma nova Cruzada contra o “Eixo do Mal”. Com esse canto de sereia, não conseguiu tocar nenhuma corda sensível no espírito do então papa João Paulo II, mas pelos vistos consegue tocá-la no espírito do hoje papa Bento XVI.

Claro que não se pode censurar a Ratzinger ter sido nazi na sua tenra juventude. Mas pode-se censurar-lhe o ter sido o inquisidor-mor do Vaticano na sua maturidade. Foi enquanto chefe da “Congregação para a Doutrina da Fé”, o nome actual da Inquisição, que Ratzinger meteu na ordem os padres, como Leonardo Boff, vagamente solidários com os povos espoliados.

Aqui temos, portanto, um cruzado e um inquisidor dos tempos modernos, que grita:

“Agarrem o ladrão!” Para os católicos que desejam uma política de reconciliação com o mundo muçulmano, ou qualquer tipo de política ecuménica, está visto que o novo papa só pode ser um erro de *casting*.





**A Federação das Associações Portuguesas** da Suíça organiza o primeiro jantar-convívio dos “Papos-Secos”, Confraria Gastronómica Portuguesa que acaba de fundar.

Objectivos da Confraria: dar a conhecer a cozinha e os vinhos portugueses a um público luso-helvético e, sobretudo, criar um espaço de convívio entre a sociedade de acolhimento e a Comunidade Portuguesa residente na região; facilitar, assim, a integração da Comunidade e o aprofundamento das relações entre todos.

**Um Outono Português** (Automne Portugais) Foi com este título que decorreram as actividades culturais no CAC – Voltaire, Maison des Arts Grütli, em Genebra.

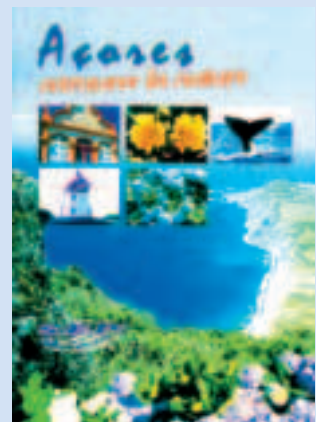
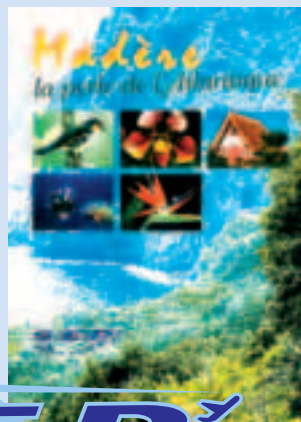
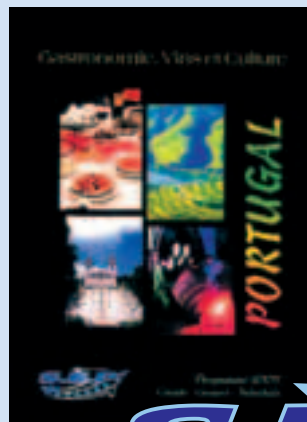
Destaque-se: a exposição de fotografias “Olhares Lusitanos” de Eduardo Gageiro, com a presença do artista/fotógrafo/repórter; a conferência do Dr. Reto Monico sobre “Le 5 de octobre 1910 dans la presse européenne”; projecção do filme *O Testamento do Senhor Napumoceno*, de Manuel Manso.

A projecção deste filme foi a primeira de um conjunto de obras da cinematografia portuguesa presentes na mostra do “Panorama do Cinema Português Contemporâneo”.



### **Eduardo Antunes Gageiro**

*Nasceu em Sacavém, concelho de Loures, em 1935. Começou a actividade de repórter em 1957 no Diário Ilustrado. Os seus trabalhos estão publicados, um pouco por*



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

**Solicite os nossos catálogos!**

[www.sepvoyages.com](http://www.sepvoyages.com)  
[agence@sepvooyages.com](mailto:agence@sepvooyages.com)

L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

**Demandez nos catalogues!**





*todo o mundo e têm-lhe granjeado inúmeros prémios. Em 10 de Junho de 2004, foi agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique. Alguns dos seus trabalhos são emblemáticos dos momentos históricos que o país viveu.*

### Le Musée de l'immigration à Lausanne

Un musée pour les immigrants, vaste sujet, une longue histoire.

Surtout, celle du déplacement d'êtres humains d'un lieu, une terre natale vers un autre lieu, un pays riche, plus développé, un pays d'accueil! Notre musée a vu le jour le mois de septembre 2005.

Un devoir de mémoire nous incite au travail inlassable de préservation des témoignages de tant d'êtres venus en Suisse, hier comme aujourd'hui, en quête de prospérité.

Nous privilégions ici les récits de vie que nous enregistrons sur bande son et vidéo. Nous accueillons avec plaisir les volontaires (majoritairement, les immigrants les plus âgés), dans nos locaux.

Nous acceptons des dons, photos, documents, objets tels qu'un vieux passeport périmé, une valise, une vieille paire de souliers (les premiers que j'ai achetés en Suisse!).

Une bibliothèque et une place du village complètent nos modestes installations muséales. Un lieu de rencontres, une pause..., découvrez-nous à l'avenue de Tivoli 14, 1007 Lausanne!

### Expo Venezia

Hommage aux immigrants italiens venus en Suisse pendant des décennies en leur offrant une exposition de photographie ancienne, d'une de leurs plus belles villes: **Venezia!**

Le Musée de l'immigration (à Lausanne), grâce à un don, a pu mettre sur pied cette exposition, montrant une quarentaine de photochromes, d'une rare beauté.

Couleurs, atmosphères, personnages, artisans et bourgeois!

La lagune majestueuse baignant tout en suavité de somptueux édifices historico-artistiques.

A côté de l'exposition permanente visible au musée sur le thème du roman C.-F. Ramuz "*La beauté sur la terre*" nous donnons ici le coup d'envoi d'un cycle d'expositions temporaires consacrant les trois pays représentatifs de ce qu'on appelle communément l'immigration ancienne: l'Italie, l'Espagne et le Portugal.

### "Parent Smile": une carte de réductions pour les familles

Le 14 mai 2006, l'association Parent.ch a inauguré une carte de réductions pour les familles, la carte "Parent Smile". Cette carte est gratuite et peut être obtenue auprès du site [www.parent.ch/smile](http://www.parent.ch/smile).

Elle offre aux familles des réductions et des avantages financiers dans toute la Suisse romande. Des boutiques en passant par les hébergements, le sport, l'informatique, le cinéma, la beauté en tout 85 petites et moyennes entreprises se sont mobilisées pour les familles. Ces entreprises sont classées par cantons sur le site [www.parent.ch/smile](http://www.parent.ch/smile). La carte "**Parent Smile**" est une initiative de [www.parent.ch](http://www.parent.ch)

Cette association à but non lucratif fondée par 3 mamans bénévoles est reconnue d'utilité publique. Elle s'adresse à toute la Suisse romande et offre aux familles monoparentales, recomposées, en union libre ou traditionnelles un large éventail de réponses administratives, sociales et juridiques propres à chaque région ainsi que des dossiers complets pour la famille.

L'association se donne également pour mission de trouver des solutions afin d'alléger le budget des familles.

Association Parent.ch

### 14.º Aniversário do jornal Luso Helvético

O mensário **Luso Helvético** esteve de parabéns e como é um jornal da e para a comunidade, foi com esta que festejou a efeméride.

Os leitores participaram nas: Prova Geral e Prova Artística que convidavam a exercitar os neurónios em textos (prosa ou poesia) que versassem o tema: “O nosso Luso Helvético”.

O jornal, durante o *cocktail* comemorativo (14 de Outubro) oferecido na Livraria Camões - Genebra, entregou os prémios aos vencedores agradecendo, também, às entidades e instituições que o apoiaram nas iniciativas.

Inserida nas manifestações comemorativas, teve lugar uma prova de vinhos patrocinada pela **Sociedade Agrícola da Quinta da Ribeirinha** – representada nesta manifestação pelo senhor Dr. Machado Cândido – a pontuar um *ex-libris* vinícola, “**Vale de Lobos** – Trincadeira 2005”.

“*Nos melhores anos, e só quando a qualidade assim o justifica, são seleccionadas as melhores uvas que irão dar origem à gama superior da marca “Vale de Lobos”.*”

A Sociedade A. da Quinta da Ribeirinha fez para esta ocasião uma embalagem especial titulada “Arte e Vinho” contendo um “Vale de Lobos (reserva)” e uma serigrafia com Fernando Pessoa da autoria de Mário Silva.

### Mário Silva

*Nasceu em Coimbra em 1929. Frequentou a Universidade de Coimbra e foi co-fundador do Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica. Com uma carreira cumulada de êxitos e prémios, tem obras em vários museus nacionais e internacionais de Arte Moderna e Contemporânea (Rio de Janeiro, Boston, Amsterdão, Estocolmo...). A sua obra mereceu já cinco retrospectivas e, como homem de cultura e cidadão notável, foi objecto de homenagens públicas promovidas por várias instituições.*





## As vacas



**D**esamadas. Maltratadas. Incompreendidas. Instrumentos de dislates. “É uma vaca” – tanto serve para exprimir a raiva por uma mulher sem escrúpulos, como para referir o seu lado libidinoso, estranha associação. Em versão mais apaixonada, exclama-se “C’a ganda vaca!” (“baca” em versão nortenha). Quando a sorte bate à porta, também sói dizer-se “Tive uma vaca...” (há quem acrescente “do caraças...”).

Ora, as vacas não merecem tanta desconsideração. Na minha aldeia, escondida num vale, protegida pela serra d’Arga, cada casa possuía, nos remotos tempos da infância, no mínimo, uma vaca. Uma era pouco, era sinal de pobreza. Duas, era razoável, mais de três, sinal de abundância. Nunca chegavam à meia dúzia: quatro, cinco, o máximo.

As vacas viviam debaixo das casas, nas cortes, lugar que só mais tarde soube serem próprias da fidalguia. O quarto da minha tia solteira, gorda, de pele tão fina que as veiazinhas azuis transpareciam, o quarto dessa minha tia tinha um buraco no soalho, disfarçado por um velho tapete que, afastado do seu lugar e da sua função, permitia espreitar a corte onde se acolhiam as vacas, vizinhas do andar de baixo. Só se via o escuro. E sentia-se o cheiro acre do estrume. E podia-se imaginar a vaca com o seu grande corpo em repouso.

Durante o dia as vacas eram cangadas ao carro e lá iam todos, vacas, a tia, a doce Argentina, para as leiras carregar o milho em Agosto, os cestos da vindima em Setembro, o mato no Inverno. Nos outros meses puxavam o arado e percorriam as leiras para cá e para lá, rasgando sulcos, daí nascerem os versos, quem havia de dizer. Também tinham momentos de lazer – mandavam-nas para o monte. Ide e alimentai-vos. Ordem bíblica. E elas iam e voltavam à tardinha, os chocalhos chocalhando anunciavam o seu regresso, o crepúsculo chegava com elas, o sacristão tocava o sino para as avé-marias, não seria bem deus com

os anjos, mas era deus com as vacas com certeza. A vida das vacas não era fácil, não só pelo trabalho a que estavam sujeitas, mas também porque na aldeia não havia bois. Os machos eram vendidos pouco tempo depois de verem a luz do dia. Só ficavam as fêmeas, graças ao leite que mãos hábeis de mulheres retiravam das tetas fartas. Quando as vacas desejavam um macho, o que era facilmente percebido pelo nervosismo que as possuía, então eram levadas ao boi. O boi vivia na aldeia seguinte. Onde vais, Maria? Vou levar a vaca ao boi. Era um mistério o que se passava nesse encontro. No regresso a vaca vinha mais calma, sonolenta até. E depois começava a engordar, a ficar redonda, cada vez mais redonda. E mais não sei. Um dia aparecia um bezerrinho, de pêlo lambido e perninhas trôpegas.

Gosto de vacas. Galegas, piscas e turinas. As piscas são mais fidalgas, as turinas têm um ar mais estrangeiro, holandês, imaginava eu, as galegas, as mais bonitas, mas todas têm uns olhos grandes, cheios de uma melancolia nobre. De uma doçura sem fim. Gosto do seu passo lento, dos chifres recurvados, da barbela macia que lhes descai no pescoço. Gosto de passar a mão pelo seu dorso, devagar. E chamar Bonita, Trigueira, Ruça... Gosto de as ver, metódicas, pastando vagarosas ao longo das leiras e depois, fartas e mansas, descansando na paisagem. Gosto de as ouvir quando regressam à noitinha, guiadas pela certeza de que têm uma casa à espera. Quando uma vaca se perde, vai-se para o monte e chama-se, procura-se até ser encontrada. Nem que se perca a noite. Como se faltasse alguém da família.

As vacas ficaram-me num canto da memória, misturadas com leiras, milho, lenha, verão.



# Pessoas

“Pessoas” para as pessoas



## Rembrandt – Cézanne –

Os dois aspiram à lógica arquitectónica sob a ondulação da luz. Um, Rembrandt, corporiza a sombra como “uma noite que se debruçara para a luz”. Cézanne organiza a cor como trunfo essencial da sua arte.

**REMBRANDT**, o mágico da luz, pertence à herança da reforma Calvinista no século XVII. É o pintor dos altos dignitários da aristocracia e da burguesia comercial em ascensão na Holanda, sua terra natal.

**D**ois nomes da pintura universal agora juntos, este ano de 2006, na efeméride centenária do nascimento de Von Rijn Rembrandt em 1606 e da morte de Paul Cézanne em 1906. No mundo da luz, Rembrandt é insuperável. No da cor, Cézanne está entre os maiores.

Os dois artistas “colhem a luz” que os ilumina e que, envolvendo os objectos e as pessoas, tudo transforma arrancando-as ao tipo convencional de iluminação e colorido fabricado até então nos ateliers. As pinturas de Rembrandt e de Cézanne são criações erguidas e destacadas pelo vigor da luz e da cor e, desse modo, sem técnica figurativa normal.

Não são próximos nem no tempo nem nas correntes artísticas das escolas. Contudo, os dois tinham “olhos para ver” a luz com um desafio nunca antes alcançado.



A Reforma Protestante a partir de 1517 desencadeia um duro golpe na arte sacra europeia por a considerar uma idolatria pagã; Como reacção a

# É bom tê-lo connosco.





## O mágico da luz O pai da cor vigorosa

essa onda iconoclasta calvinista nasce um movimento nos países católicos da Contra-Reforma que, a partir de 1550, se identifica com o estilo barroco.

Rembrandt não é um barroco como o seu contemporâneo Rubens. O seu estilo pessoal desenvolve-se na intimidade de poucas figuras e numa acentuada e intensa dramaturgia da luz. Cria uma sólida cumplicidade entre a figuração iluminada e os espaços mergulhados numa eloquente penumbra. É o pintor dos afectos humanos sempre em movimento de grande tensão. Parece não haver na história da pintura um artista que tenha penetrado tão profundamente, “com tanta dúvida e angústia”, no problema das relações entre o homem – ou seja ele próprio – e o mundo que permanentemente o questiona.

**PAUL CEZANNE**, o pai da cor vigorosa, é um Impressionista. O conceito Impressionista começou por ser usado como um insulto mas depressa se tornou o estilo que marca a transição para a modernidade.

É no último quartel do século XIX que os pintores se desgarram da alçada das academias onde bebiam a sua formação. Nasce a rebeldia em plena rua para onde os pintores trouxeram os seus cavaletes a fim de pintarem o ar e a luz, que envolvem os objectos e as pessoas. Paris foi o palco inicial dessa revolução pictórica, cujo objectivo era representar o mundo de acordo com a “impressão” visual que dele se retinha. A forma, o volume, a figuração passou a valer menos. Idealizou-se o objecto transportado para a atmosfera envolvente que, muitas vezes, não correspondia à realidade. O Impressionismo é essa revolta dum criação artística puramente visual.

Mas cedo nasce um clima reaccionário ao movimento da impressão porque agride a sensibilidade dos admiradores da “arte bela”. E são muitos



os proscritos do “salão dos recusados”: Monet, Van Gogh, Renoir, Degas. Hoje todos consagrados Impressionistas.

Cézanne foge a tempo dum certa histeria revolucionária “vangoghguiana” e torna-se o precursor da arte moderna, desenvolvendo outra estrutura na arte de pintar. Criou o “volume da cor” com grande autoridade. Não pinta apenas o que vê mas colhe a visão ocasional do motivo que pinta e que é fugaz como a “hora que passa desde a manhã ao pôr-do-sol ou da Primavera ao Inverno”. A cor tem mais solidez que a simples forma linear do desenho.

A vida de um homem sobre a terra pode ser coisa bem simples. A história de Dante, por exemplo, contada nos limites definidos do desprezo morno dum “Olha e passa”.

Certamente o espírito criador de Rembrandt e de Cézanne ultrapassa essa conjura da “Divina Comédia” porque, um e outro, entre o nascimento e a morte, não deixaram o mundo como o encontraram.

# A la recherche de la Vérité

## Connaissons-nous bien l'Histoire du Petit Caporal?



la fin des années 40, au lendemain de la Seconde Guerre mondiale, les étudiants de l'Université de Genève ont eu la bonne fortune de suivre les cours de l' "iconoclaste" Henri Guillemin, futur conseiller culturel de l'ambassade de France à Berne.

Ses écrits se rapportent souvent à la découverte et à l'illustration positive de Jean-Jacques Rousseau, de Flaubert, de Victor Hugo, d'Emile Zola, de Jean Jaurès. Mais l'horreur de s'en laisser conter, son fier refus qu'on lui "monte sur la cervelle", de se faire emporter par le "mythe napoléonien", par exemple, né bien après la mort à Sainte-Hélène de l'ambitieux "Petit Caporal", le pousse à publier par la suite un *Napoléon tel quel*. La vérité avant tout!

Il termine son étude par une brève conclusion dont voici la fin: "Ce n'est pas à moi qu'il faut s'en prendre, c'est la vérité qui est coupable", disait déjà Robespierre. Mais quand elle déplaît à certains,

elle perd pour eux le droit d'exister." Ce même Guillemin avait dit un jour:

"Pamphlet? Ce mot ne sert qu'à désigner la vérité qui déplaît."

Ici, deux phrases de Napoléon me viennent à l'esprit, qu'officiellement on ne désire jamais citer: "Je suis deux fois Italien; d'abord parce que je suis Corse, et ensuite parce que je suis d'origine toscane" et "Cu tempu a minzogna scianca" (en toscan: "Con il tempo, la minzogna zoppica"; en français: "Avec le temps, le mensonge se met à boiter").

### Aux Invalides

Une fois encore, je me suis retrouvé devant le sarcophage en porphyre rouge, conçu par Ludovico Tullio Visconti, de celui qu'on a voulu proposer à l'admiration universelle: Napoléon (le Grand pour Victor Hugo afin de mieux l'opposer à "Badinguet", Napoléon III-le-Petit, le bastard!). Un guide, d'une voix monocorde, récite la banale leçon apprise il y a bien longtemps et qu'il répète

# Millennium

## bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

### Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève  
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45  
Tel. câmbio 022 908 38 40

### Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne  
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34  
Tel. câmbio 021 323 51 34

### Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich  
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45  
Tel. câmbio 044 240 50 46



# perdue

mécaniquement pour les touristes venus des quatre coins de la Terre. Il termine la visite par la lecture de l'épigraphe gravée sur le porphyre:

"Je désire que mes cendres reposent au milieu de ce peuple français que j'ai tant aimé".

Dans le silence général, alors que chacun s'apprête à sortir son "pourboire" de son porte-monnaie, je ne peux retenir un rire nerveux, irrespectueux. Les touristes en sont un peu surpris, ils se posent déjà des questions, et le guide, officiellement, se montre fort agacé!

A Sainte-Hélène, Napoléon ne dicte pas: "au milieu de mon peuple", non! mais "au milieu de *ce* peuple." Nuance! Il semble regretter tout ce qui s'est passé. Il veut se faire pardonner. Il a sur la conscience l'envoi à la mort sur des lointains champs de bataille de tout un peuple qui n'est pas le sien, l'avoir dérouté, l'avoir sacrifié sur l'autel de son propre prestige. La vengeance corse mise en marche, il fut difficile de la contrôler, de la maîtriser, de l'arrêter; il a laissé une *Francia dissanguata*, exsangue, saignée à blanc.

Napoléon a été d'un égoïsme monstrueux fait d'insensibilité, de mépris, de cynisme; son orgueil démesuré lui a fait dire: Je ne suis pas un homme d'ici, je suis un personnage historique".

En 1840, Adolphe Thiers persuade Louis-Philippe de ramener les cendres de Napoléon de cette île perdue qu'est Sainte-Hélène, de ce "merdier de l'Océan", en France.

Cent soixante ans plus tard, on nous dit que la dépouille entreposée aux Invalides n'est pas celle de l'empereur. Les "fils de la perfide Albion" auraient non seulement empoisonné leur pire ennemi à l'arsenic, mais ils auraient aussi substitué la dépouille de leur prisonnier par celle d'un certain Cipriani, domestique corse du "monarque" déchu, et aussi espion à la solde des geôliers. Le domestique-espion, bien que mort, aurait donc usurpé la place du "Grand usurpateur" dans le froid porphyre offert par le tsar Alexandre de Russie!

De nos jours, des historiens soi-disant sérieux



Letizia Ramolino, mère de Napoléon

réclament du président Chirac, qui détient la clef du sarcophage, la visite du corps.

Bien qu'un squelette puisse s'allonger un peu lors du trépas, précisent les médecins légistes, s'il dépasse 1 m 72 . et si son tour de crâne est inférieur à 60 cm (c'était une grosse tête!), alors pas d'hésitation, ce n'est pas lui!

Les médecins anglais de l'époque nous ont laissé une bien méchante image de Napoléon: "Il était petit et trapu, avec la tête enfoncée dans les épaules. La figure était grasse avec un double menton. Il avait la mine plutôt d'un gros moine avachi que d'un héros des temps modernes." " Que nous sommes loin des portraits officiels flatteurs, de Jacques Louis David, par exemple!

## L'impardonnable erreur de La Superba

En 1768, Gênes commet une très grave erreur, une bien lâche imprudence: elle en appelle provisoirement à l'autorité du roi de France pour mettre fin aux légitimes aspirations de liberté des insulaires corses, indigne mesure d'une république maritime tombée bien bas. Jadis, la patrie de Cristoforo Colombo, le découvreur du Nouveau-Monde, avait connu sur mer ses plus grandes heures de gloire. Puis c'est l'édit de Louis XV, digne d'un pirate, du 15 août 1769, qui proclame l'annexion "définitive" de la Corse à la France.

Le patriote Pasquale Paoli, qui antérieurement n'avait pas supporté les injustices, les abus de la République génoise, se dresse aussitôt contre les nouveaux maîtres, des étrangers cette fois. Il s'exclame, en italien bien sûr, devant l'assemblée corse: "...On ne sait pas ce que l'on doit détester le plus, du gouvernement qui nous vend ou de celui qui nous achète. Confondons-les dans notre haine puisqu'ils nous traitent avec un égal mépris!"

Après le débarquement français, les représentants de l'Île de Beauté demandent au gouverneur

### A la recherche de la Vérité perdue

Marbeuf que l'on respecte l'Université de Corte, que tous les actes publics soient rédigés en italien; que l'italien soit également la langue des tribunaux pour la bonne raison que c'est la langue maternelle, naturelle, de l'île entière.



Exemple d'images édulcorées destinées au mythe napoléonien, dans toutes les chaumières

La demande est provisoirement accordée mais c'est le français qui est programmé, qui sera totalement imposé. Il faut passer au plus vite à la colonisation, à l'éradication totale de l'italien, à la totale dénationalisation de la Corse. C'est un crime contre la culture et la liberté de tout un peuple. Il a fallu attendre jusqu'à nos jours qu'un socialiste, Jospin, s'adresse en italien aux Corses sur leur île.

#### Un prénom inconnu en France

Napoléone Buonaparte (prononcez Napoléoné Bou-ona-parté) voit le jour à Aïaccio (prononcez Aïatscho), avant le débarquement des Français, bien avant que les *Isole Rosse* ne deviennent les "Îles Rousses". Son acte de naissance est écrit en pur italien.

Le nom de sa ville sera prononcé par les "Pinzuti", les pointus, les occupants: *Ajaksiôôô!* par ignorance de la langue locale.

Quoi de plus ridicule que d'entendre aujourd'hui un Corse "assimilé" dire "Je suis d'Ajaksiôôô..." Le prénom Napoléone est alors complètement inconnu en France. Ce prénom, nous enseignent

diverses encyclopédies d'Outre-Jura, "est d'origine germanique, il est étymologiquement apparenté à Niebelungen."

Allons donc! Sans blague! De temps fort reculés, il existe à Gênes une église dédiée à San Napoléone, nom d'origine syriaque d'un saint d'Orient du III<sup>e</sup> siècle de notre ère. Napoléone... Niebelungen... c'est aussi stupide que d'affirmer, le panceltisme aidant, que les mégalithes anthropomorphes corses ont été élevés par les Gaulois... nos ancêtres les Gaulois!...

#### En terre étrangère

Napoléone a 9 ans lorsqu'il débarque sur le continent. Il ne sait pas un traître mot de français; ici, on continue de remplacer la langue d'Oc par la langue d'Oïl. Il ne connaît pratiquement pas la langue de la lointaine Ile-de-France bien qu'elle soit drastiquement imposée en pays corse conquis. Les droits de tout un peuple y sont journalièrement bafoués, comme le sont ceux des Catalans ou des Basques. L'Université de Corte, centre de culture et de sa liberté, voulue par Pasquale Paoli, a été fermée. Puis pour Napoléone, c'est l'école militaire; ses condisciples sont très vulgaires à son égard, les quolibets fusent pour l'"étranger", pour l'"Italien"; dérision par ignorance devant celui qui dit s'appeler Napoléon Buonaparte ou bien Napuliuni, en corse, (prononcez *Napouli-ouni*) d'où ses surnoms Napolioune, Napolé-au-nez, La paille-au-nez, etc. Dépaysé, solitaire, aigri, l'adolescent dans sa révolte de "colonisé" dit un jour à son confident Bourienne:

"Zé féré à tes français tout le mal que zé pourré!" Pour un psychologue, pour un psychanalyste, c'est ici que prend naissance non pas l'empire français, mais son empire sur la France.

La connaissance de la langue imposée par l'occupant est certainement le dernier de ses soucis.

Pour ne pas faire tache parmi ses camarades, il mène une vie de garnison monotone, isolée. En 1786, exemple parmi tant d'autres, il écrit à un libraire:

“(…) J’entend votre réponse pour vous envoyé l’argent a quoi sela montera…”

De 1793, il a 24 ans, autre exemple, en informant un colonel, il note:

“(…) Je me trouverai le plus près de voir les nouvelles des commissaires. J’entends de vos nouvelles. Je vairai de travailler a éclairé l’opinion”(…).

En Provence, il a d’abord appris à écrire en toscan, la langue littéraire, afin de pouvoir correspondre avec sa mère en corse.

Au moment de la prise de la Bastille, Buonaparte a 20 ans. Pasquale Paoli, le héros de Pontenovo, en a 64; ce dernier reste bien ancré dans l’âme de tous les insulaires. Après l’échec d’une tentative de carrière politique en Corse, le jeune ambitieux ne rêve qu’à un rôle important sur des terres plus étendues. A son oncle maternel, Giuseppe Fesch, futur cardinal, il confie:

“Les Français! Avons-nous assez souffert de leurs vexations? qu’ils redescendent au mépris qu’ils méritent.”

Antérieurement, à un greffier des Etats de Corse, il a dit: “Continuerons-nous à baiser la main insolente qui nous opprime?”

Continuerons-nous à voir tous les emplois que la nature nous destinait occupés par des étrangers”(…)?

L’officier Buonaparte, celui-là même qui, à l’article de la mort, pris de remord, semblera étaler son amicale reconnaissance pour ce peuple qui n’est pas le sien, a pourtant dit à ses débuts:

“(…) Féroces et lâches, les Français joignent aux vices des Germains ceux des Gaulois; ils constituent le peuple le plus hideux qui ait jamais existé(…)”.

Général, il ne sera jamais au service de la France, il l’utilisera seulement. En s’adressant à ses soldats, il dira toujours:

**“Vous autres Français”**

Le 11 février 1809, devant Roderer, il reconnaît que:

“La France? Je couche avec elle, et elle me pro-

digue son sang et ses trésors.”

En août 1769, Louis XV, par son désir de s’annexer une île italienne, pouvait-il prévoir l’immense

malheur qui allait s’abattre sur son pays? Marbeuf aurait mieux fait de se rompre la jambe!

Napoleone, devenu empereur, continue de donner très peu d’importance à la langue française; il sort méchamment de ses gonds si quelque mal élevé se permet de le reprendre. Il confond, par exemple, point culminant avec point fulminant (*punto fulminante*), session et section, amnistie et armistice. Il donne sur les champs de bataille, ses ordres en italien. Un chroniqueur nous a laissé un précieux témoignage: jamais il n’avait entendu parler la langue de Dante avec autant de rage et de vulgarité.

Tout jeune déjà, voyant fuir Louis XVI, ne s’était-il pas exclamé: “Che coglione!”

Plus tard, qu’il donnât ses ordres en italien à Massena, un Niçois, ou à Dessaix, un Savoyard, rien de plus naturel, mais à Kleber, un Strasbourgeois, il fallait vraiment le faire exprès…

P.-S. Le grand romancier italien Alessandro Manzoni (1785-1873), auteur de *I Promessi Sposi* (Les Fiancés), lié à Genève par son épouse Enrichetta Blondel, composa l’ode *Il Cinque Maggio*, jour de la mort, à 52 ans, (5 mai 1821) de Napoleone.

Après l’évocation de son “épopée”, il termine son ode par “Fu vera gloria ?

Ai posteri l’ardua sentenza…”

(Ce fut vraie gloire?

A nos descendants l’ardue sentence…)

Le temps a passé, il est certainement, aujourd’hui, plus aisé d’avoir sa propre idée !



Napoléone par Jacques Louis David



# Dos Otomanos à Turquia

**D**eambular está no sangue da nossa raça. Andar por terras, montes, estepes, fez, durante milhões de anos, parte da errância, do nomadismo humano. O motivo do partir, hoje, diversifica-se, mas, é, essencialmente, o desejo de conhecer o que resta de grandes civilizações desaparecidas, de visitar monumentos históricos, museus, geografia, clima, culinária, que faz de nós passarinho em movimento.

A facilidade de voo faz-nos arribar, em poucas horas, a milhares de quilómetros do último ponto de vivência. E o que levamos como guia

na anilha? Se a cultura pode ser definida como o que fica depois de termos esquecido o que aprendemos, então o apelo desse esquecimento é grande e ela não ocupa lugar. O rumo de hoje é a antiga terra dos turcos otomanos, a península da Anatólia que parece desprender-se do continente asiático, como bandeja de 1500 Kms de comprimento por 500/600 de largura, estendida em direcção à Europa. No limite dos seus bordos quatro *coktails* gigantes de tonalidades e sabores diversos: Mar Negro, da Mármora, Egeu e Mediterrâneo. Uma *toalha*, em relevo, sobressai a todo o comprimento a norte e a sul e unindo-se a leste assinala as cadeias Pôntica e Tauro e o monte Arat que culmina a 5165 metros de altitude. Entre elas encaixa prato elevado com aperitivos: azeitonas, grãos torrados,

frutos secos, mel, queijo, pickles e pequenos copos com digestivo: *Egirdir Gölü*, *Tüz Gölü*, *Beyselir Gölü*; entre os acepipes (*mezze*): camarão; mil folhas, de queijo (*peynirli*); feijões (*börek*); ou carne cortada (*kiymali*); as empadas recheadas com arroz temperado com especiarias: pinhões, uvas secas enroladas em folha de videira (*yaprak*); pimentos (*biber*); couve (*lahana*). No diversificado banquete, uma feliz mistura de tradições nómadas e os contributos mais refinados, introduzidos por mestres cozinheiros dos sultões otomanos e a cozinha de povos conquistados nos Balcãs, Ásia, Egipto e Magrebe. Donde o nome evocador de certas iguarias: *hünkar begendi* (o sultão apreciou); *imam bayildi* (o imam que desmaiou); *bülbül yuvasi* (ninho de rouxinol); *cadın budu* (coxa de mulher).

A cozinha turca, ao contrário da ocidental, inverte os papéis: os legumes têm um papel privilegiado, formando o centro do prato, e a carne e o peixe o adorno. O peso de tal *travessa* sem mão e braço adequados para a suportar, fá-la manter em equilíbrio instável. As consequências das pressões, que a placa terrestre árabo-africana exerce sobre a placa europeia, provoca, na *travessa*, terramotos e estragos incalculáveis..

Visitar a Anatólia é partir em busca de uma miríade de povos passados ou presentes que chegaram em vagas, aniquilando ou assimilando a herança do outro. Que elementos comuns entre a civilização bizantina, eminentemente cristã e urbana e o islão de tradição nómada e a laicidade republicana tão cara a Atatürk?

Aparentemente nada. Mas a República Turca, que emerge na sequência de Primeira Guerra Mundial (1914 -18) é um pouco de tudo isso. Como uma espécie de abcesso cravado no pescoço do Império Romano do Oriente, os turcos



Mustafa Kemal Atatürk  
Fundador da Turquia moderna

# de hoje

otomanos, povo nómada com origem nos montes Altai, confins da Ásia, fizeram de Bursa a capital, a sul do mar da Mária, a não muitas léguas de Constantinopla. Numa envolvência que dura dois séculos acabaram por dela se apoderar a 29 de Maio de 1453. A beligerância prosseguida por todo o Médio Oriente e bacia do Mediterrâneo deflagrava numa larga confrontação. Os sultões otomanos, ao mobilizarem todas as energias – senhores de uma estratégia de acção e técnica de guerra demolidora, assente numa artilharia sem igual e numa tropa de choque, os janissários, imbatíveis em terra e mar – conquistaram, em décadas, os territórios imensos do Oceano Índico a Tunes, quase no Atlântico e do norte da Crimeia ao Egipto. O período áureo coincide com a governação de Solimão o Magnífico (1520-1566). Em 1571, estão às portas de Viena e a batalha naval de Lepanto mostrou à Santa Liga – Espanha e Veneza – que a marinha otomana também podia ser aniquilada. Data símbolo e início de um processo que, ao longo de três séculos e meio, a faz soçobrar no mar imenso das suas conquistas. Entretanto, novas relações de forças se estabelecem com o aparecimento de novos ou velhos estados emergentes com repercussões sobre a roda da fortuna e da história. O poder do sultão, Osman II, está tão fra-



Basílica e museu de Santa Sofia

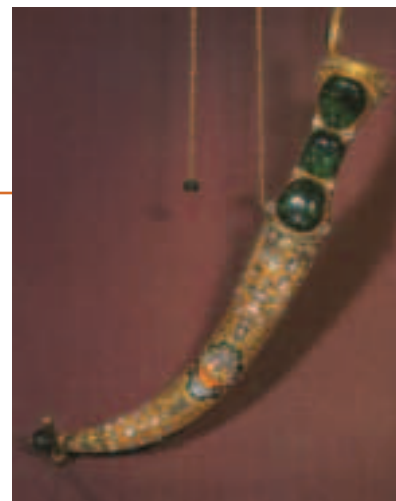
gilizado, em 1622, que os janissários o assassinam sem medo de represálias.

Com a *paz de Karlowitz* (1699) o Império Otomano perde a Hungria e a Transilvânia em favor da Áustria e outros numerosos territórios, e a hemorragia prosseguiu no século XVIII, com a entrega do Cáucaso aos Persas (1736), depois a Crimeia que regressa ao poder da Rússia (1783) e o Egipto é invadido por Napoleão (1798). No início do século XIX, a Bessarábia é enfeudada à Rússia, a Sérvia torna-se autónoma (1812), a Grécia independente (1830). Os russos ávidos atacam o nacionalismo nos Balcãs e com o tratado de St. Estêvão (1878) inicia-se sua hegemonia na região. No mesmo ano o *Congresso de Berlim* desencadeia uma nova hemorragia: a Sérvia e a Roménia tornam-se independentes, a Bulgária acede à autonomia e o Império Otomano perde ainda a Bósnia, Hergovina, Tessália, Chipre e a África do Norte. Aliado da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, cai no campo dos vencidos. Os aliados pensam ter chegado o momento de dar o golpe definitivo no gigante em agonia. A Grécia, a Itália, a França, a Inglaterra talham-no em zonas de influência. Que resta da antiga grandeza? Um arcaísmo de sociedade, de economias, de estruturas, legitimando assim a fama de *homem doente* da Europa... Um personagem entra então na história: o general Mustafa Kemal, perante o



Banda de Janissários (*mehter*)

### Dos Otomanos á Turquia de hoje



Punhal (*hançer*) de “*Topkapı*” - inspirou o filme de *Jules Dassin*

imobilismo do sultão. A humilhação faz dele um libertador ao rejeitar o desastroso *Tratado de Sevrres* (1920). Kemal é a grade alma de um Estado sem nação, criador de um movimento patriota que sacode toda a Anatólia. Em dois anos de luta, os gregos são expulsos da Trácia e das cidades que haviam conquistado no litoral egeu. Italianos, franceses e ingleses também. O *Tratado de Lausana* (1923) restabelece a soberania do país. Totalmente desacreditado pela derrota e ocupação, o sultanato e o califado são abolidos. A República da Turquia é proclamada a 29 de Outubro de 1923, em Ancara, pela Grande Assembleia Nacional. Em 1924, a dinastia otomana parte para o exílio. Mustafa torna-se um republicano convicto e adepto do estado laico, regido por parlamento eleito por sufrágio universal. “Feliz o que se diz turco!”, proclama Kamal à multidão em 1927. Num território verdadeiro *patchwork*, pelas palavras, instaura a ideia de uma nação independente à qual deseja dar uma coesão e identidade turca, isenta da herança islâmica da era otomana. Julgando a tradição islâmica responsável pelo declínio otomano, laicizisa o estado e a justiça, suprime as escolas corânicas, os tribunais religiosos e as confrarias dervixes, impõe o alfabeto latino em vez do árabe, os costumes da sociedade ocidental: na cidade, o *fez* otomano é substituído pelo chapéu, abolição do xaile e da poligamia (1927), direito de a mulher poder votar (1934). No plano económico, nacionaliza as empresas estrangeiras e dota o país de infra-estruturas modernas: minas, barragens, estradas. A capital otomana, Istambul, é sub-

stituída por Ancara e a basílica de Santa Sofia, símbolo religioso entre todos, torna-se museu em 1935.

O balbuciar de uma democracia tem sido difícil, pois muitos a tentaram empurrar para o canto de museu: inflação; desemprego; corrupção da hierarquia do estado; agitação dos meios marxistas; ressurreição do integrista muçulmano; renascimento do Movimento Separatista Curdo, no final dos anos 60 do séc. XX; decapitação de chefes de partidos políticos; golpes de estado... A Ataturk “pai dos turcos” se deve a ideia de Turquia também europeia. Um conjunto de reformas essenciais procura dar consistência e estabilidade ao futuro: democratização da vida política, liberalização da imprensa, estabilidade monetária. Terra de acolhimento de algumas das maiores civilizações mundiais, ponto de encontro do cristianismo e do islamismo, vive a sua dualidade com dor e paixão. Mão estendida à Europa que hesita em aceitá-la como membro da C.E.E. Ponte e barragem entre o mundo russo e as diversas forças do Oriente, não pára de forjar a sua identidade. Em 2002 aboliu a pena de morte e deu o direito à minoria curda de utilizar a sua língua nos *média* e no ensino.





## Observatório de Genebra



### A reforma de Deus

**S**egundo o *Genesis* – primeiro livro da Bíblia e primeiro do Pentateuco – Deus teria gasto cinco dias a edificar o Universo. Ao sexto dia, depois de povoar a Terra com toda a espécie de animais, resolve entregar o governo do que criara a alguém que O assemelhasse. Para tal, fez o homem e a mulher, atribuindo-lhes, respectivamente, os nomes de Adão e Eva. Depois ordenou-lhes: “Crescei e multiplicai-vos!”.

Ao sétimo dia, feliz mas cansado, o Criador das estrelas, planetas, cometas, céus e infernos decide repousar, santificando esse dia. E desapareceu para sempre da nossa vista, o que me leva a supor encontrar-se na situação de reformado. Se assim não fosse, voltaria à vida activa, não para acrescentar “novos mundos ao Mundo”, que este já tem grandeza suficiente, mas para pedir contas da governação aos homens. Porque isto anda mal. Mesmo muito mal.

Milhões de anos passados sobre *o sexto dia da criação do mundo*, e após a multiplicação de Adão e Eva a se aproximar dos seis milhares de milhões de exemplares, a desordem é mais que muita. Ninguém se entende, anda tudo à bofetada neste planeta que já foi Paraíso. Talvez por isso – essa é a minha fé – Deus esteja triste, tenha vergonha daquilo que criou e não queira abandonar o cantinho onde goza uma merecida e eterna reforma. Ou – quem sabe – tenha abalado para além deste Universo que inventou, indo estabelecer-se num verdadeiro Paraíso onde o homem não peque contra o seu irmão?

Mas voltemos à Terra. A uma terra que, de leite e mel, passou a fogo e fel; um sítio povoado de dis-

tintas raças e opostas civilizações, onde passaram a reinar intolerância e ódios em vez da comunhão de valores que identificam o ser humano: a bondade, o amor, a solidariedade. Mais que nunca, a tragédia do assassinio bíblico de Abel por Caím, seu desgraçado irmão, se repete nos conturbados tempos que vivemos. Não só na chamada Terra Santa e no Médio-Oriente, mas também em muitas outras partes do nosso planeta. Lutas de libertação, tensões étnicas, guerras político-religiosas e tantas outras contendas onde o *eu* e o *outro* não nos entendemos, porque damos corpo e voz a distintos valores de sociedade: submissão e liberdade, ditadura e democracia, respeito pela diferença, etc. Depois de um *verão quente* como o que ontem terminou, após nova guerra israelo-libanesa e todo aquele cortejo de massacres, horrores e destruição a que a região nos habituou, eis-nos chegados a um outono de incertezas, com as forças da ONU – neste caso a FINUL – entrando no sul do Líbano para fiscalizar o cessar-fogo e a retirada das tropas de Israel. Deus permita que a contenda fique por ali... mas duvido. Serão necessárias muitas concessões, de parte e doutra, para se chegar à paz. Uma palavra que, há quase sessenta anos, é ali timidamente sussurrada. Haja alguém que grite alto, berrando por ela, caso contrário as armas nunca se calarão nas terras que acreditam no Deus da Criação.

Outro conflito – diplomático por enquanto – a fazer-nos lembrar a velha guerra-fria entre os países da Nato e os do Pacto de Varsóvia, desenvolve-se actualmente entre as chancelarias dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, China,

## A reforma de Deus

Rússia e Alemanha por um lado, e o Irão por outro, a propósito da energia nuclear que este último pretende instalar no seu território. Um conflito provocado pelo receio de um possível uso militar do urânio por parte da República Islâmica do Irão.

E muitos outros conflitos, ou guerras, vai o mundo conhecendo nestes dias que correm, como é o caso da guerra civil no Sudão, com as populações negras e cristãs do Darfur a serem vítimas dum genocídio organizado pelo governo árabe e muçulmano do seu próprio país. Ou a interminável guerra do Afeganistão, com os invasores à cata dos talibãs e de um visionário chamado Ossama Ben Laden... por sinal anunciado, hoje, como tendo falecido de doença. E ainda a monstruosa guerra de ocupação do Iraque, onde os americanos e alguns dos seus aliados se vêem enredados

num conflito de mortíferas guerrilhas simultaneamente nacionalistas, étnicas e religiosas, sem se vislumbrar uma luz ao fundo do túnel...

Sobrecarregada com tantas desgraças, ou talvez fruto das divisões no seio do Conselho de Segurança, a ONU já não dá conta do recado e, impotente, vê aumentar o fogo do ódio entre nações que deveriam estar unidas. À humanidade apenas resta a esperança em Deus. No único. Naquele que se pôs a descansar ao sétimo dia. E eu, que em tempos fui crente, vejo-me de novo a invocar o Seu apoio.

“Ajuda-nos, Senhor! Deixa a reforma em paz e dá um pulinho até aqui! Trava-se uma guerra de valores entre o Bem e o Mal, mas todos querem ter a razão pelo seu lado. Que fez o homem com a liberdade de escolha que lhe deste?”



Case postale 1111 • 1211 Genève 1  
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59  
horalusitana@radiocite.ch



*A sua emissão de rádio  
em português*

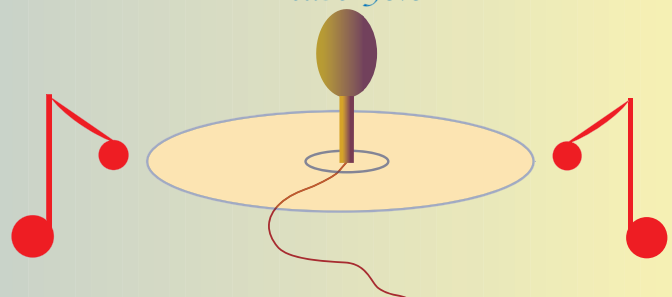
**NOVO HORÁRIO**

*Sábados e Domingos*

**17h / 18.30h**

*Genève, 92.2 FM*

*cabo 98.6*



### *Sr. Embaixador de Portugal na Suíça Dr. Eurico Jorge Henriques Paes*

Fomos conhecer melhor o lídimo representante de Portugal, na Suíça, o senhor embaixador Dr. Eurico Jorge Henriques Paes. Homem de grande experiência profissional de trato afável e de diálogo fluente. Alfacinha de gema, nascido a 3 de Junho de 1946, em Lisboa; casado; dois filhos; licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa em 1971; aprovado no concurso de admissão aos lugares de adido de embaixada, aberto em 30 de Janeiro de 1974. Após ter enveredado pela diplomacia percorreu as “sete partidas” do mundo, granjeando o saber, a experiência e a agudeza de espírito.

Do seu extenso *curriculum*, retirámos apenas alguns locais dos muitos onde trabalhou, bem como algumas honras e condecorações, das mais de duas dezenas, com foi agraciado, ao longo da profissão, pelo exemplar desempenho, postura digna e rectidão de ideias. Representou o país na Embaixada em Harare, no Malawi, na Zâmbia no Liechtenstein (...). Foi Mestre-de-cerimónias na Cerimónia de transcrição de poderes em Macau (19 de Dezembro de 1999); é Representante Permanente de Portugal junto da União Postal Universal, em Berna (...); condecorado com a Grande Oficial e depois Grã-Cruz da Ordem do Mérito; Oficial da Ordem do Infante D. Henrique. Comendador da Ordem da Coroa e Comendador da Ordem de Leopoldo II, da Bélgica; Comendador da Ordem de Isabel a Católica, de Espanha; Comendador da Ordem da Legião de Honra (...).

Hoje, na Embaixada de Portugal, em Berna, continua, nas suas funções diplomáticas, a dignificar o país de que tanto se orgulha, Portugal.



**Como surgiu a ideia de abraçar esta profissão?**

A ideia de ser embaixador surgiu porque é uma função exercida por diplomatas, quase sempre, e é o culminar de uma profissão. A profissão é a diplomacia. Foi essa a profissão que eu escolhi e depois, naturalmente, com o passar do tempo e em função das opções que o Governo venha a tomar, alguns de nós acabam por ser embaixadores.

**Não é primeira vez que exerce esta função...**

Não, não é a primeira vez, o que significa que já tenho alguns aninhos, embora haja embaixadores muito mais novos que eu.

**Quais as razões que o levaram a ser diplomata?**

Ao contrário de outros colegas diplomatas, eu não tenho ninguém na família com esta profissão. Portanto acabou por ser uma opção resultante do curso que escolhi na altura e que permitia o exercício desta profissão, entre outras. Hoje em dia já não é tanto assim, embora continue a haver licenciados

em Direito. Hoje há outros cursos e formações mais específicas como Relações Internacionais, Ciências Políticas ou sectores mais vocacionados para esta profissão. Se quer que lhe diga as razões, o porquê, se houve uma motivação específica... não me recordo. Como disse não tenho familiares ligados a esta profissão. O meu pai era médico e o meu avô militar.

Na Faculdade de Direito de Lisboa sempre me interessaram as cadeiras ligadas ao Direito Público. A de Direito Internacional interessou-me, especialmente. Isto não significa que não goste de Direito, mas o Direito exercido pelos advogados e juizes..., nunca me atraiu.

**Para exercer esta profissão tem que se ter, também, uma grande dose de aventura, não acha?**

**Não é só a pessoa a deslocar-se, é a família, os filhos que mudam de escola, as mudanças...**

Sim, sim, sem dúvida, é importante e fundamental



### Embaixador Dr. Eurico Paes

que exista uma grande dose de aventureirismo, de entusiasmo, se bem que, depois de 32 anos de carreira, no meu caso, todas essas coisas esmorecem e vão perdendo o seu vigor.

**Dos sítios onde exerceu esta profissão, e cremos que foram bastantes, em qual deles gostou mais de estar?**

Olhem, onde gosto mais de estar é onde estou. E, neste momento, é efectivamente o caso. Cheguei aqui à Suíça, ainda não há um ano, e estou contente.

**Está então satisfeito, neste país...**

O exercício das funções de Embaixador, na Suíça, satisfazem-me plenamente. Neste trabalho não basta o gosto teórico pelas matérias, é essencial a parte psicológica, a vontade e o chamado gosto pela profissão. A carreira diplomática é fascinante, tem-se a possibilidade de conhecer outras civilizações, outras pessoas. Andar pelo mundo, como se costuma dizer, e com todas as virtudes e vantagens que tem sobre o ponto de vista cultural e de aprendizagem. É a forma de uma pessoa se cultivar, para além da cultura normal que cada um tem. No continente onde se vive as pessoas falam disso, sobretudo das culturas exóticas. É útil que haja da parte do diplomata ou do candidato à diplomacia essa apetência pelo enriquecimento cultural.

**Quais as funções mais importantes do embaixador?**

Bom, as funções mais importantes... Vou-lhes responder com a minha experiência e também um pouco formalmente. É representar o país, neste caso Portugal, junto do outro país em que está creditado. Neste caso concreto, eu estou acreditado na Suíça e enquanto aqui estiver sou o representante de Portugal, neste país. É óbvio que se apresenta ao chefe do Estado da Suíça, chama-se ao acto: a entrega das Credenciais – documento assinado pelo Chefe de Estado de Portugal que abaliza ou confirma a comenda ao Chefe do Estado do país para onde envia o seu Embaixador. É um momento alto, formalmente importante, porque passa a dar início às funções do embaixador.

No fim, o embaixador representa tudo: o Chefe de Estado que o envia, O Governo que o propõe e depois, todas as instituições do seu próprio país, ou

seja, quando eu estou na Suíça, quando eu me pronuncio, digo, peço ou faço alguma coisa é Portugal que o está a fazer. Não se é embaixador das 9h. às 12h e das 14h. às 17h.; quando se é, é-se integralmente: no trabalho, no repouso, nas diligências...

Portanto há que actuar como tal, manter uma certa postura perante as pessoas com quem se contacta, não esquecendo que essas pessoas olham para nós como representantes de Portugal. No fundo é a nossa vida que está permanentemente em exposição, bem como a da nossa família, quando a temos.

**Funções diplomáticas, funções de representação, funções de prestação de serviço... Como se articula tudo isso na profissão de embaixador?**

Classicamente a representação tem a ver quando é necessário que alguém represente um Estado em determinada cerimónia, num determinado momento e numa determinada altura.

Depois há outro factor que é a negociação. Normalmente quando se fala em negociações pensa-se que é a discussão de um problema concreto: uns dum lado da mesa outros do outro. É óbvio que isso também acontece, sobretudo nas organizações multilaterais, na actividade multilateral do Estado. O embaixador bilateral, que é o meu caso, assegura as relações bilaterais entre os dois países.

A negociação existe quando, por exemplo, nos mandam dizer de Lisboa que é preciso isto ou aquilo... que vamos precisar do voto da Suíça para a nomeação de um português para um organismo internacional. É claro que temos que ir pedir o voto, e isso é um negócio como outro qualquer. Naturalmente a Suíça terá também um candidato seu para outra organização e pode haver uma troca; se for para a mesma é impossível, pois ambos querem a mesma coisa.

Isto faz-se sob a coordenação de Lisboa, mas tem que haver alguém no terreno que a apresente.

Este exemplo é comezinho e banal mas há outros mais profundos e com mais significado como quando somos intermediários em questões que envolvem terceiros países, aí o assunto tornasse mais profundo. Se lermos os jornais sabemos dos conflitos que há lá



fora e quando é necessário a nossa posição de país, face a eles, temos obrigação de defender essa posição. Um outro exemplo concreto que se passou comigo há pouco e que se liga com o Ensino Português: o Governo Português está interessado, já há muitos anos, em instalar na Universidade de Genève um Centro de Língua e Cultura Portuguesas. Como existe uma vontade recíproca nessa instalação é preciso negociar. Eles terão de nos dar o espaço, que terá de ser aprovado por nós, e, por sua vez, nós fornecemos o tal núcleo, que vem já preparado com material audiovisual, informático, biblioteca, programas de ensino e tudo o mais que comportará dependendo da procura.

**Em Genebra, pelo menos, cremos que há muita gente interessada na cultura portuguesa...**

Pelo que pude aperceber, em Genebra, há muita procura. Pois como isso não atava nem desatava, eu próprio tomei a iniciativa de ir a Genebra falar com o professor responsável pelo Departamento de Línguas, Dr. Perugia, que, por sinal, também fala português e que, tanto como eu, estava interessado na instalação.

**E então porque é que ainda não está instalado?**

Porque, como sabem, a Universidade de Genebra está com problemas de carácter financeiro que levaram à substituição do próprio reitor e da Direcção. Neste momento, estamos à espera que a nova Direcção acabe de se instalar para dar seguimento à proposta.

**O senhor Embaixador focou há pouco que as negociações multilaterais eram mais profundas, exigem outra preparação?**

As negociações multilaterais são de mais peso quando abrangem vários países. Nos países amigos onde não existem contenciosos, a negociação facilita-se um pouco, embora tenhamos que estar sempre preparados para efectuar certas diligências. Cada vez que Portugal, ou este ou aquele ministro, nos manda fazer uma diligência, nós fazemo-la. E isto é no fundo a negociação.

**Um outro vector do seu trabalho, além da representação, das negociações, é a protecção aos cidadãos**

**nacionais que estão neste país. Como se processa isso?**

A protecção aos cidadãos nacionais, e é a que se aplica aqui na Suíça, para o embaixador, talvez seja a função mais importante.

Como sabem temos uma comunidade com cerca de 200.000 mil pessoas, num país relativamente pequeno, como é a Suíça. É uma comunidade muito forte em termos de número, infelizmente não tão forte em termos de prestígio e de peso económico. O ideal seria que cada vez houvesse mais pessoas com esse peso económico e financeiro.

**Essa vertente também faz parte do trabalho de um cônsul...**

Poderão dizer-me: então o senhor é um cônsul! Não, não sou um cônsul. Existem, como sabem, três serviços consulares na Suíça (Genebra, Zurique e Berna), como poderiam existir trinta, como não poderia existir nenhum, depende do Governo Português e do Governo local a aceitação das instalações consulares.

Agora o que fazem os consulados? São essencialmente, não exclusivamente, agentes de notariado, registo civil, de identificação, tudo o que seja necessário, sob o ponto de vista formal, tudo o que o português precise de fazer, sem ter que ir a Portugal, mesmo casar... O cônsul para além disso tem outras actividades. Em tempos, que não os de hoje, tinha actividades muito viradas para a área comercial.

Se formos consultar um arquivo Histórico-Diplomático - em Lisboa temos um muito rico e muito consultado por jornalistas e investigadores - verificamos isso mesmo.

O próprio Eça de Queirós, que foi cônsul, como sabem, e na sua actividade profissional verifica-se isso mesmo. No fundo, essencialmente o que fazia, para além de escrever aquelas magníficas obras, era um trabalho virado para a economia e finanças.

Hoje a coisa permanece embora a acção seja dife-

### Embaixador Dr. Eurico Paes

rente. Existe um organismo específico virado para isso que é o Icep que não depende do MNE, embora haja uma relação bivalente. Esse organismo tem os seus meios, o seu orçamento para participação de Portugal em feiras, exposições e actividades para fomentar os produtos portugueses. Mas isto não tira que o cônsul, em sintonia com o embaixador, não promova acções.



O nosso, em Genebra, sem estar a fazer qualquer distinção dos outros, é de um dinamismo extraordinário, está sempre a promover coisas daqui e dali e eu dou-lhe um grande apoio, porque não só falamos muito e trocamos opiniões sobre a conveniência de fazer isto ou aquilo, como eu próprio participo e envolvo a embaixada nas iniciativas dele, para lhe dar mais importância.

**Então os senhores cônsules estão directamente ligados, ou seja, sob a alçada do embaixador? E o que faz o embaixador em relação aos cônsules?**

Na área consular propriamente dita, nós não temos autoridade sobre os cônsules – existe uma norma que define isso.

Por exemplo se o senhor cônsul resolve não inscrever determinada pessoa, porque tem dúvidas, embo-

ra seja portuguesa; ou se resolve, em determinada altura, fazer alguma coisa, ou realizar determinado acto, o embaixador não pode interferir.

Nessa parte, na chamada gestão consular, propriamente dita, eles é que dão contas, directamente ao Ministério, do dinheiro que sai, que entra...

O embaixador tem a ver com os cônsules quando a actividade entra no campo político, porque o embaixador também tem uma acção política. O meio onde ele se move é um meio político, genericamente falando.

**Hoje em dia, a economia obriga a um acesso rápido à informação. Como funciona a dita diplomacia económica que é uma das apostas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, neste contexto, conhecendo os limites das decisões face à economia moderna?** O termo diplomacia económica, pelo menos em Portugal e aplicado ao MNE e aos diplomatas, surgiu há relativamente pouco tempo. E não foi pelo aparecimento dessa designação que me foi atribuída essa tarefa. A pessoa que falou disso e que resolveu mediatizar essa actividade, não o fez na intenção de dizer: os senhores diplomatas não faziam nada nesta área vão passar a fazê-lo... Nada disso. Como lhes disse, de entrada, o embaixador e colaboradores sempre fizeram tanto diplomacia económica.

Eu tenho um colaborador directo, que é conselheiro social, o Dr. Manuel de Matos, que, exclusivamente, segue, na medida do possível, todos os problemas que se levantam, de carácter social relativamente aos residentes portugueses em toda a Suíça. Teve um papel fundamental na negociação do 2º. Pilar. Eu intervim, aí, só na fase final. Isso hoje está assinado, está resolvido à custa do seu empenhamento. Isso pressupõe uma negociação complexa, longa e maçadora. Os suíços defendiam os seus interesses e nós os nossos.

Gostava também de salientar uma coisa a este respeito, de minha iniciativa: quando cheguei, estávamos na fase final da história do 2º. Pilar, e ainda não havia brochuras e o grande problema era como transmitir isso aos portugueses – a 200 000 pessoas é difícil fazer chegar seja o que for. Então lembrei-me





de fazer umas dezenas de “Jornadas Informativas”. Fomos ter com os imigrantes. Combinei isso com os cônsules, para que as pessoas pudessem e quisessem estar presentes nessas reuniões. Estas resultaram bem e o assunto ficou generalizado.

Frisei este assunto das “Jornadas Informativas” como exemplo de uma acção de protecção dos interesses da comunidade.

#### Explicite o que é a diplomacia económica

É um assunto que tem alguma sensibilidade e sobretudo faz um pouco de confusão na cabeça das pessoas. A diplomacia económica é, no fundo, uma pessoa vender o seu país no aspecto económico e social e, por outro lado, conseguir investimentos portugueses e estrangeiros para Portugal. Portanto, tudo o que seja investimento em Portugal será sempre bem-vindo. A ideia essencial foi essa: que os embaixadores e embaixadas e toda a parafernália de instituições e de pessoal que estão no estrangeiro e que representam Portugal, fosse usada para esse efeito.

Já há cerca de 5 ou 6 anos que se começou a falar disso. É claro que tudo isso é muito bonito de dizer, mas, na prática.... Em Portugal há um organismo criado para apoiar esta diplomacia económica que se chama Agência Portuguesa para o Investimento. É um organismo bastante pequeno mas com técnicos altamente qualificados, que no fundo acabam por examinar e decidir os projectos de investimento que existem para Portugal e fazer as diligências que entenderem, lá em Portugal, para que esses investimentos possam ser feitos. O nosso contacto com essa Agência é sempre via ministro dos Negócios Estrangeiros, não querendo isto dizer que não o possamos fazer directamente.

Tenho tido variadíssimos contactos, nessa perspectiva, desde os aviões *Pilatus*, a investimentos para o turismo de Marinhas, no Algarve... e tenho estado sempre em contacto através do meu elemento de ligação que é o director do Icep e conselheiro económico e social da embaixada. Eu, pelo meu lado, faço as minhas diligências, às vezes à margem do delegado do Icep.

Já me tem acontecido, devido aos meus contactos

sociais, conhecer a, b, ou c. Ainda há pouco contactei um grande empresário suíço, creio que já tem contactos com Portugal, e falei-lhe na hipótese de aumentar esse investimento; estou a referir-me a *Schneider Hammen*, como têm ouvido falar.

É normal isso acontecer porque o embaixador é convidado a eventos de carácter social e cultural e, nessas mil coisas, acaba por conhecer alguém se estiver desperto para esse tipo de conversas e questões.

#### Emigração. Portugal e a emigração, quer comentar?

Somos um país europeu com uma característica interessantíssima nos tempos que correm: exportador de emigração com e, e importador de imigração com i. A contabilidade é claro que varia de dia para dia, mas creio que hoje temos mais gente a entrar do que a sair, dependendo de épocas, é verdade.

Há pessoas que no Verão vêm para a Suíça fazer as colheitas, são saídas periódicas; outras vêm só cumprir um contracto de trabalho sem ficarem eternamente aqui.

Em Portugal temos comunidades enormes de várias nacionalidades: os famosos ucranianos, cabo-verdianos, são-tomenses, brasileiros, angolanos...

Isso faz parte do que é hoje vector da globalização. A livre circulação de pessoas que acompanha a livre circulação de capitais, de mercadorias, enfim, de tudo. As pessoas já não estão agarradas ao sítio onde nasceram, viveram, estudaram, casaram e por aí fora...

#### E quanto à imigração, concretamente, aqui, na Suíça e o porquê de o número não ter decrescido?

Eu não direi que tivesse aumentado. Quando cheguei disseram-me que a imigração estava a aumentar, mas eu não verifico isso pelas estatísticas oficiais, dos suíços, que nem sequer são das nossas. Penso até que tem decrescido. No entanto há um número de pessoas mais ou menos estável. Já fomos ultrapassados pelos da ex-Jugoslávia mais os do Cosovo, antes já tínhamos sido ultrapassados pelos italianos.

Agora porque é que os portugueses têm continuado a vir para cá e para outros sítios? No meu entendimento, porque querem encontrar trabalho, embora o desemprego tenha vindo a baixar, mas ainda é uma constante em todos os países.



Outra motivação poderá ser o facto da pessoa estar, e hoje acontece muito, sobretudo nas multinacionais, deslocada por razão do seu próprio trabalho. Antes, as multinacionais mexiam com meia dúzia de executivos; hoje qualquer empresa tem os seus agentes que desloca periodicamente para aqui e para acolá. Os estudantes e alunos do *Erasmus*... têm sido aos milhares. Não há família nenhuma que não tenha um primo, um sobrinho que não tenha feito o *Erasmus*. Há várias razões pelas quais as pessoas saem, não é?

Neste momento, não vejo razões específicas para os portugueses saírem de Portugal, como houve em tempos.

Temos muitos emigrantes cá fora porque tivemos durante nossa História, vários momentos que determinaram que, massivamente, houvesse pessoas que preferissem habitar fora do país.

Todos estamos a pensar em momentos mais difíceis da nossa vida, em Portugal. Mas, por exemplo, desde os tempos de D. João VI que foi para o Brasil a conselho dos ingleses - e ainda bem senão estaríamos dominados pelos franceses - Portugal ficou despovoado porque atrás do rei foram os filhos, os duques, os condes, os criados, os que tratavam dos cavalos, os que pilotavam os barcos, os que limpavam os convés... Assim o Brasil foi colonizado. Já muito antes Pedro Álvares Cabral tinha lá chega-

## Embaixador

do...deixou três ou quatro pessoas, depois foram os padres e acabou... A grande leva surgiu com D. João VI que por lá permaneceu 20 anos (ao fim de 20 anos já o Napoleão estava morto, há que tempos!). Quando voltou deixou o país independente, que é caso único - quando conto isto às pessoas, dá-nos um grande orgulho porque foi dada a independência a uma colónia a partir do colonizador.

No regresso deixou aí o filho mais velho, o que ia ser rei de Portugal, (e por circunstâncias que sabemos, acabou por ser mesmo) e lá surgiu o Grito do Ipiranga... Não houve luta, não houve levantamento que quisesse correr com os portugueses, não houve nada... e talvez por isso a nossa relação com os brasileiros seja muito especial.

Tivemos o 5 de Outubro e antes disso as Guerras Liberais, cerca de 20 anos antes, que opusera os apoiantes de D. Pedro aos de D. Miguel e que fizeram emigrar muita gente.

Depois, como disse, o 5 de Outubro, com a República... Sempre que houve revoluções sociais, em Portugal, houve saídas. Bom! quando do Salazar, ninguém saiu, mas quando nos anos 60 rebentou a guerra no Ultramar, houve uma mobilização geral para a guerra e a minha geração foi muito sacrificada, nesse aspecto; mas muitos não esperavam pela mobilização, saíam do país para aqui e para França.

No 25 de Abril também a mesma coisa; houve gente que ficando sem nada, ou por outras razões devido à profunda mudança social do país, saiu também. Estas vagas sucessivas determinaram a grande quantidade de portugueses cá fora.

Por outro lado, nós, portugueses, sempre tivemos - e isto não tem nada a ver o actual Governo nem com o 25 de Abril - uma importância superior (em termos globais) ao país que somos derivada aos Descobrimentos.

Quer dizer, quando se fala em Portugal as pessoas associam-no aos Descobrimentos - fomos os primeiros a ir à África, ao Brasil, grande parte do mundo foi descoberto por nós - e isso tem a ver com a nossa maneira de ser, com a nossa idiossin-

## Dr. Eurico Paes



crasia. Somos assim...gostamos de sair!...Também estamos ali entalados entre a Espanha, país tão grande, e o mar... As pessoas das ilhas também contribuíram para isso: estão no meio do mar, entre a Europa e a América; durante muito tempo a vida foi mais difícil que no continente e muitos deles foram para os Estados Unidos. Há gente espalhada por todo o lado e temos orgulho nisso. Os portugueses orgulham-se dos seus compatriotas que estão fora de Portugal. Não é coisa que cause vergonha, não. A nossa História sempre proporcionou esses êxodos ou essas saídas, não é só por causa das várias revoluções. Uns evoluem duma maneira, outros evoluem doutra! O nosso país parece que evoluiu sempre um bocadinho aos sobressaltos. Desde 1383 que tem sido assim, com a batalha de Aljubarrota e por aí fora. Durante um certo período está tudo muito sossegadinho e, num repente, Bum! Lá vai uma subida. Isto determina movimentos de pessoas e sobretudo num país onde essa apetência está lá dentro!... Não foi por acaso que nós fomos para os Descobrimientos que foi a primeira vaga migratória, se assim quisermos.

Isso também determina que as nossas leis, no que respeita à nacionalidade, atribuem, ou fomentam que os portugueses estejam ou não estejam, vivam ou não vivam em Portugal, desde que tenham origem portuguesa, continuam a ter direito ao passaporte, ao bilhete de identidade e a poder votar onde quiserem.

Isto faz com que, feitas as contas, a *grosso modo*, haja este número mágico de quatro milhões de portugueses no exterior, além dos dez milhões no interior. No fundo, é difícil dizer que a emigração esteja a desaparecer, ou que não existirá, daqui a tempos.

As leis da facilidade que as sucessivas autoridades portuguesas têm vindo a promulgar – e acho muito bem – dão-nos a noção de haver portugueses em todo o lado.

Antigamente havia o passaporte de emigrante, agora isso passou. A pessoa sai quando quer, o emigrante não é uma espécie, é uma circunstância.

Não creio que, neste momento, haja mais pessoas a

sair de Portugal do que nos últimos anos; pelo contrário, temos vindo a receber pessoas de fora e entram cada vez mais fruto da globalização e de *Schengen*.

É um problema de migração. Hoje fala-se mais de migrações do que imigração.

Portugal está atento, segundo me disseram, este tema será assunto na nossa presidência, para o ano de 2007.

Outro tema que gostaríamos que comentasse era o **Ensino Português, na Suíça. Sabemos das grandes remodelações que o Governo quer implantar: professores contratados em vez de destacados, Serviço de Apoio ao Ensino (em Genebra) encerrado, Coordenação sem pessoal de apoio, Ensino Português a mudar do Ministério da Educação para o Ministério dos Negócios Estrangeiros...**

Pormenores da situação, infelizmente não tenho, nem tenho respostas conclusivas. Não posso confirmar nada porque não tenho elementos para isso mas estou na convicção de que efectivamente isso que dizem é verdade. Que a Coordenação do Ensino vai passar a depender já não do ME mas do Instituto Camões, do MNE, repito e insisto que não lhe estou a dar informação nenhuma nem lhe estou a confirmar coisa nenhuma. É aquilo que eu ouço porque me interessa por esse assunto e estou na convicção que isso acontecerá e julgo que será essa a razão dessa mudança de competências de um Ministério para outro que originou estas alterações na Coordenação. Sobretudo na Coordenação das quais tenho tido notícias pela Dra. Madalena Silva que trabalha onde eu trabalho e, para além de termos uma relação pessoal muito boa, é fácil o contacto. Diariamente, ela me tem vindo a dar conta do evoluir da situação. Vamos esperar mais uma semana, depois eu próprio farei uma comunicação dizendo que a situação não se pode manter assim. Agora dar apoio à Coordenação com pessoal docente ou com outro tipo de pessoal, já é uma questão de carácter técnico onde eu não me vou meter. Limito-me a ajudar e animar a Dra. Madalena, mas não me vou meter na Coordenação.



### Embaixador Dr. Eurico Paes

Estas alterações foram feitas em má altura, não acha?. O ano lectivo estava em fase de arranque, os encarregados de educação e professores não tinham esclarecimentos, presenças, nos locais do costume, todos os problemas a resolver se centralizam numa Coordenação sem pessoal de apoio...

Não há que estar pessimista ou derrotista, neste caso, porque é do conhecimento dos ministérios. O Governo está consciente da situação. Há que esperar, enfim, que em Portugal isso se resolva. Há dossiês, problemas orçamentais a discutir. É um período de transição.

Na parte pedagógica e da educação está tudo normal; na parte administrativa e de informação está com mais dificuldade, mas as pessoas terão que compreender e dirigir-se, por telefone ou carta, ou pessoalmente, aqui, à senhora Dra. Madalena que fará o que puder.

Da perspectiva funcional, à perspectiva estrutural do ensino, pelo que ouvimos, passará para o MNE e na extraordinária mudança do ensino, nos últimos 20 anos, a formação chega-nos cada vez mais informatizada. O senhor embaixador acha que o ensino do português, no estrangeiro, vai continuar nos próximos anos ou isto será um acto pré-anunciador do fim?

Não me parece, e, dir-lhe-ia, na minha opinião pessoal - porque é nessa perspectiva que me perguntou - eu próprio ficaria muito admirado que fosse assim. O Governo português, todos os Governos que têm passado, têm dado particular ênfase e particular empenho ao ensino. Nós próprios também. A nossa Língua tem sido um dos motivos, dos objectivos, nas próprias embaixadas e nas promoções culturais. No fundo temos orgulho que seja a terceira língua mais falada no mundo.

Por outro lado, como falei há pouco, o cuidado sucessivo que o Governo português têm tido em relação aos portugueses residentes no estrangeiro é cada vez maior. Nada indica que um vector com uma importância destas acabe, uma vez que, os filhos dos portugueses residentes no estrangeiro, não teriam facilidade de aprender a sua própria Língua.

E isto nunca foi motivo sequer de contencioso entre os partidos políticos. Foi sempre pacífico.

Está na Constituição. Somos o único país, pelo menos da UE e penso que do mundo inteiro que tem um Secretário de Estado especificamente vocacionado para os problemas da comunidade portuguesa e, portanto, sendo o Ensino uma das valências mais importantes, custa-me a crer que desapareça. O que vai acontecer, provavelmente - não sei se bem se mal, mas por mim acho bem - é que o Ensino passe para o MNE uma vez que se trata de uma acção no estrangeiro e pelo organismo vocacionado, dele dependente, que é o Instituto Camões.

Há muitas formas de nos fazer chegar a informação e a cultura, mas os professores serão sempre indispensáveis...

Eu acho que sim, sobretudo numa comunidade deste tamanho. Que possa haver adaptações, mudanças de estratégia em relação a determinados países, onde a imigração esteja a diminuir, onde se note que o português já esteja integrado convenientemente, que o próprio Governo desse país assuma esse papel... aí admito, agora, na Suíça? Não acredito.

Senhor embaixador, quais são os seus hobbies?

São poucos, eu confesso que sou um pouco preguiçoso e como já tenho 60 anos é evidente que não são tão regulares como gostaria que fossem e a própria saúde o exige.

O que é que eu faço? Joguei golfe no Zimbabwe onde é desporto nacional, toda a gente joga e é um sítio ideal para praticá-lo e jogava-o regularmente; aqui tenciono fazê-lo, já tenho propostas de vários clubes para me associar mas ainda estou em fase de adaptação.

Outro hobbie é ler. Não sou um leitor compulsivo mas gosto e faço-o todos os dias.

Gosto muito de escrever, mas nunca escrevi nada (risos). Sinto-me bem quando escrevo. Há pessoas que têm dificuldade em escrever, não gostam... eu gosto muito e com a idade que tenho, por vezes, vem uma certa vontade de pôr no papel as coisas que lembram. Escrevo todos os dias, no serviço, não faço



outra coisa. O diplomata escreve muito, relatórios pareceres...

Gostaria de escrever, não digo escrever livros porque isso exige, impõe uma certa vocação que eu não tenho...

**Hoje em dia toda a gente escreve livros: jogadores de futebol, actores de novela, manequins...**

Nunca farei isso porque não tenho vocação. Agora pôr coisas no papel, ponho.

**E escrever as vivências da sua vida diplomática?**

Geralmente associam-se as vivências diplomáticas a memórias, recordações daqui e dali. É evidente que eu tenho as minhas recordações, como os meus colegas têm as suas, da vida diplomática porque é fascinante; se eu quisesse escrever isso fá-lo ia, mas estar a escrever memórias para mim próprio, não faço. Para depois os meus filhos rasgarem no dia seguinte, depois da minha morte? Não faz sentido.

**Que género de música aprecia?**

É a música dos anos 70 que corresponde à minha juventude e que, naquela altura, até sabia as letras de cor, como hoje acontece com os meus filhos e com os mais novos.

Continuo a gostar desse género e de música clássica, sem ser um grande entendido, infelizmente, mas gosto o suficiente para ir aos concertos e aqui, na Suíça, há uma oferta cultural bastíssima, nesse campo.

**E o seu prato preferido?**

Eu sou um “comilão” e agora devido ao colesterol o médico aconselhou-me a fazer dieta: ter cuidado com as gorduras e com o açúcar - neste aspecto os médicos são uns chatos! - mas, tirando isto, gosto de comida portuguesa, essencialmente, como todos os portugueses. Ainda não encontrei nenhum que me dissesse que não gostava da nossa comida. Eu recordo-me de quando era miúdo não gostar de “cozido à portuguesa” e hoje é um dos pratos que mais gosto. Mas não posso dizer, nem quero, que o “cozido” seja o prato predilecto, mas é um dos preferidos. Qualquer desses pratos clássicos a partir do bacalhau, desde o “bacalhau com todos”, até às outras variantes, gosto...

**Para férias, em Portugal, escolhe o Norte ou o Sul?**

Normalmente vou para o sul. Sou de Lisboa, como disse, e vivo lá. Para mim férias que não tenham praia, não são férias. Isto não quer dizer que passe o tempo todo nela... têm que ser alguns dias, sobretudo quando estou em países, como este, onde não as há. Há lagos, passeios lindíssimos, mas não há ondas, areia... Em Portugal, há uma praia que frequento muito, quando posso, porque é fantástica, é a Caparica. Eu nunca vi uma praia assim, em nenhuma parte do mundo; e podem dizer-me: “este tipo é saloio”. Sei que há praias fascinantes e já estive nelas, do outro lado do mundo, agora acessível a nós? É a Costa da Caparica. Toda aquela extensão - 35 Kms desde a Barra ao Cabo Espichel - é magnífica; também gosto das da costa alentejana...

**Então é cliente da “caldeirada” e do peixe grelhado do “Barbas”?**

Ah! Isso com certeza, sou cliente daqueles restaurantes todos da beira-praia.

**As esposas dos senhores embaixadores, aqui, relacionam-se umas com as outras?**

Sim, normalmente isso acontece e em Portugal também. Por outro lado há, em todos os países, uns grupos, animados por senhoras locais, que proporcionam esse contacto entre elas. Muitas vezes ou a maior parte das vezes com actividades de carácter literário, cultural, de aprendizagem de línguas, ou passeios... O que é curioso é que cada vez se nota mais, no mundo inteiro, que há mais mulheres diplomatas, quer dizer, no corpo diplomático.

Há 32 anos, quando entrei para a carreira, não era possível que as senhoras fossem diplomatas (depois do 25 de Abril passou a sê-lo); nos outros países já há mais tempo que isso era possível.

Portanto, hoje, quando se fala em mulheres de diplomatas, em toda a parte, tiram a palavra mulher e põem cônjuge, porque muitas delas têm marido e, por sua vez, serão eles que fazem parte desses grupos.

Agradecemos a sua disponibilidade e desejamos-lhe muitos êxitos.  
Luz Neto, Benjamim Ferreira e António Pinheiro

### L'intégration fêtée à Sion: se rencontrer et «voyager» entre communautés

Une Fête de l'intégration à Sion a été organisée les 25 et 26 août. Une idée excellente. Cette ville de près de 30 000 âmes compte environ 3000 Portugais, soit la plus importante communauté étrangère de la ville. **Le portugais est la deuxième langue la plus parlée (8,2%), après le français (70,9%)** et avant l'italien et l'allemand. Ce jour de fête à Sion, lors des **Rencontres d'ici et d'ailleurs**, il y avait dans les stands des différentes communautés à boire, à manger, avec en prime sur deux scènes de la musique, des chants et de la danse. Superbe ambiance durant deux jours. La ville de Sion avait mis les petits plats dans les grands pour offrir un espace aux communautés étrangères.

La **déleguée à l'intégration, Céline Maye**, est en place depuis deux mois. Ce poste, qui constitue le premier du genre en Valais, a été créé par la sous-commission des étrangers de la Ville de Sion. Cette dernière avait prévu un budget modeste: 40 000 francs pour cette première Fête de l'intégration (avec en plus 50% des bénéfices des stands reversés au budget). Il a fallu beaucoup d'énergie et d'imagination de la part des différentes communautés pour aménager les structures un peu sommaires mises à disposition. Vingt-cinq communautés étaient représentées ainsi que quelques associations. Céline Maye souhaite que la fête conserve une dimension réduite, ne voulant pas imiter Martigny et ses «Journées des 5 Continents». La ville d'Aigle, par exemple, a déjà connu une fête de ce genre. Céline Maye souligne également l'importance que revêt la rencontre entre les différentes communautés qui apprennent à mieux se connaître, ainsi que la rencontre avec les habitants de Sion, qui ignorent souvent que la ville compte une centaine de communautés, une véritable richesse peu ou pas du tout exploitée.

Parmi les associations présentes, l'AVIC, l'**Association valaisanne pour l'interprétariat communautaire**, profitait de l'occasion pour faire sa publicité. Fondée en 2002, à l'initiative d'un groupe de



migrants résidant en Valais, cette association a pour but la médiation culturelle et l'interprétariat dans 26 langues (comme le portugais, l'anglais, l'italien et aussi le guajarati, le pachtoune, le tadjiki ou l'urdu – langue parlée en Inde du nord et au Pakistan). Cette association aide les migrants confrontés aux obstacles de la langue et aux difficultés d'adaptation et d'intégration, valorisant en même temps les connaissances et la culture de ses membres.

L'intégration, c'est un maître mot et à la fois un traître mot, qui veut tout dire et ne veut rien dire. Qui peut prétendre être vraiment bien intégré? Et faut-il absolument rechercher l'intégration complète? Notre société n'engendre-t-elle pas davantage d'exclusion que d'intégration? Mais au-delà des mots et des politiques d'intégration (qui passent obligatoirement par l'apprentissage de la langue du pays d'accueil, par la scolarité et par la formation professionnelle), cette fête a souhaité mettre l'accent en premier lieu sur **la convivialité**, les plats traditionnels des diverses communautés, la musique, la danse. Un beau programme qui ne demande qu'à se développer. Cette première Fête de l'intégration devrait connaître, selon les organisateurs, une prochaine édition dans deux ans. Et pourquoi pas en faire un rendez-vous annuel, en renforçant quelque peu les structures et en prévoyant une date un peu moins estivale pour éviter la collision d'événements? Nous sommes certains que les gens de Sion apprécieront. La rencontre des cultures est un voyage trop passionnant, nécessaire, essentiel, vital pour ne pas s'y risquer.

*On croit qu'on va faire un voyage, mais bientôt c'est le voyage qui vous fait, ou vous défait.*

Nicolas Bouvier, dans *L'usage du monde*



# Pessoa

## via láctea

### Imaginei que hoje iria ser um pintor

Sentada, olhando o mar  
Pintei nele um barco a navegar  
Conduzido por uma sereia.  
Mas inspirei-me no amor,  
E assim pintei um pescador  
Que ia numa traineira.

Quando os dois se cruzaram,  
Os seus olhares trocaram  
Onde só o mar foi testemunha.  
Depois, pintei algumas gaivotas  
Voando, sobre eles, às voltas  
À procura de coisa nenhuma

Então pensei, porque não?  
Pintar também um trovão  
E o raio com sua luz?  
Até parece que ceguei  
Mas consegui e pintei.  
Neste quadro tudo pus.

Entretanto, começava a chover  
E naquele entardecer  
O céu tornou-se cinzento.  
Pintei então o arco-íris.  
Senti-me muito feliz  
Vivendo aquele momento.

Depois pintei um vento forte  
Que soprava vindo do norte.  
Batia nas ondas e fugia.  
Pintei as ondas a bater,  
E na areia pude ver, pintado,  
O cheiro da maresia.

Que belo quadro ficou este  
Que a minha imaginação pintou  
Lá estava, até, a chuva a cair  
Quando, por fim, acabei,  
Por baixo também pintei  
O som da minha boca a sorrir.

Lurdes Matias

### Carvalho Formoso

Viver sem raízes  
é como voar sem asas  
ao sabor do vento  
e das brisas passageiras  
à descoberta do Mundo  
e dos outros  
que nos rodeiam

mas

voltar às origens  
aonde nada fenece  
e tudo renasce  
do princípio ao fim  
em vida perene  
na Natureza

é:

voltarmos todos juntos  
à terra em que nascemos  
com certeza.

Álvaro Fernandes

### A viver

A viver tenho andado  
Neste mundo  
De dúvidas e retrocessos  
Avanços e sucessos  
À espera de ver

A esperança  
Sem saudade do futuro  
compreender o passado  
No presente conseguido

Connosco lutando

Antes  
Ou mesmo depois  
de nós  
Termos ido

saído  
Ou acabado  
Mas jamais  
desistido.

Álvaro Fernandes

### PEDRAS DA VIDA – O instinto de



o sopé da grande pirâmide, no Egipto, duas personagens, de mão dada, contemplam-na fascinadas.

O miúdo voltado para a pirâmide, olha o avô e puxando-lhe delicadamente a mão questiona-o: – Avô como é que conseguiram colocar aquela última pedra tão alto, em cima de todas as outras? Eles não tinham máquinas, pois não, avô?

– Não. Claro que não tinham máquinas! Meu filho, mas tinham objectivos. O homem tem sempre que viver com objectivos. Um objectivo traçado, é um sonho que se perfila no horizonte da vida. O sonho é o caminho a percorrer. Aquela pedra, lá bem no alto, foi um sonho e, para o alcançar, foi preciso colocar todas as outras, que não têm menos valor que a última. Quando se traça um caminho; quando o instinto nos diz que é ali que devemos chegar; quando continuamente sentimos uma voz interior que nos chama para a vontade do nosso querer; quando o sonho nos impulsiona o coração...! Meu filho, nada nos poderá deter se tivermos a coragem de enfrentar o percurso que, por vezes, poderá ser árduo e doloroso.

– Mas então avô, o sonho de que falas não é daqueles que temos quando estamos a dormir... É quando queremos uma coisa e pensamos muito nela, é isso?

– Exacto, falo-te do sonho, dessa voz do instinto que nunca te largará se não fores ao encontro dele.

– Sim... mas, então, sempre que queremos uma coisa e sonhamos muito com ela, temos que sofrer para alcançá-la?

– Meu pequeno, aquela pedra lá em cima, representa apenas o culminar do sonho. Antes, todas as outras tiveram que ser colocadas, e, seguramente, cada elemento desta pirâmide

tem a sua história, cada pedra poderia contar o quanto foi sofrida e dolorosa para os homens, mas eles avançaram sempre até poderem colocar a última. É por isso que tem muito valor: ela acaba por representar todo o sofrimento do percurso. Ao chegarem ali, os homens, sentiram enorme satisfação por terem atingido o sonho. Todo o sofrimento dos atalhos percorridos, só valorizou a coragem de se ter feito o caminho até ao fim. É claro que, à medida que o sonho se constrói, e face às dificuldades encontradas, o mais fácil, por vezes, seria abandonar, desistir... mas, neste caso, a vida seria uma frustração. É preciso persistir, acreditar que montes e vales poderão ser difíceis de atravessar, mas, fazendo-o, saberemos o que nos espera à chegada, se desistirmos, nunca saberemos, nunca sentiremos a felicidade de um sonho realizado.

– Compreendo, avô, as conquistas dos sonhos são difíceis !

– Esta pirâmide, diante de nós, pode representar a vida, porque o sonho é viver e a vida constroi-se de sonho e de objectivo. Cada pedra, cada elemento está interligado, e tudo o que fizeres será sempre composto de muitas coisas, e todas elas são importantes. a última pedra da pirâmide é o atingir do objectivo, mas todas as outras, são os elementos que o compõem, são o suporte para atingir o cume, são o apoio do sonho. Esta pirâmide, resistiu séculos, meu filho, porque todos os elementos que a compõe são fortes, não foram negligenciados pormenores para que o seu todo resistisse a tudo e a todos, pelo tempo fora.

– Quer dizer avô, que antes de termos conseguido o objectivo temos que passar muitas coisas que, juntas, é que vão fazer com que o sonho depois dure muito tempo?



## viver o sonho

– É evidente, não achas? Se um sonho não tiver bases sólidas, se não for composto de muitos elementos, muitas pedras, para o manter sempre vivo, acaba logo. Um grande poeta escreveu um dia esta frase: «*Tudo vale a pena se a alma não é pequena*». Vês! Se tiveres, sempre, muita convicção naquilo que fazes e no que pretendes, os elementos que vão compondo o teu sonho, são as certezas de que ele vale a pena.

– Eu, de facto, também sonhava muito namorar com aquela menina do nosso bairro, mas parece que ela tem um namorado... Eu estava pronto a desistir, mas agora, depois do que disseste, acho que vou querer, com todas as minhas forças, e ela irá namorar comigo, não achas avô?

– Bom, se tu puseres toda a tua convicção e fores persistente, terás a certeza de que tudo fizeste para o conseguir, não quer dizer forçosamente que consigas o teu objectivo, mas ficará a satisfação de que o caminho que devias percorrer, foi feito, tinhas que ir por ali e foste. E, se o fizeste, com todas as dificuldades e sofrimentos, saberás a que resultado chegaste. A propósito, vou-te dar um pequenino exemplo: imagina que tens um recipiente e muitas pedras de diversos tamanhos para lá meter; se meteres primeiro as pequenas e depois as grandes, poucas pedras grandes caberão. Mas se, ao contrário, meteres as maiores e depois as pequenas, estas poderão sempre introduzir-se pelo meio das grandes. Portanto debes sempre primeiro meter as pedras grandes, percebes?

– Não, não percebi bem. O que queres dizer com isso?



– Quero dizer que em todas as construções, sejam elas de uma pirâmide, da vida ou de sonhos, todas as pedras são importantes, mas algumas são maiores, mais vitais, insubstituíveis e nós temos que saber escolher as melhores, as maiores, aquelas que vão entrar primeiro no recipiente. Essas pedras são as decisões que tomarás na tua vida.

– Ah! As grandes decisões são as grandes pedras! E nós temos que pôr as grandes decisões à frente das pequenas, é isso? Sabes, avô, eu quero fazer da minha vida uma pirâmide como esta. Cada vez que puser aquela pedra, lá em cima, terei a certeza de que valeu a pena. Terminar esta pirâmide, foi importante, valeu a pena! A minha vida também tem que valer a pena. É isso mesmo!!?

– Oxalá, meu jovem construtor, oxalá! Assim poderás ter uma vida plena e feliz.

– Obrigado, avô. A tua pirâmide ensinou-me coisas muito, muito bonitas...



# A sorte protege os

**C**arlos Beltrão veio viver para Lisboa a com a idade de três anos. Nascido no Alentejo, mais concretamente em Ponte-de-Sor, filho de alentejanos dos quatro costados não se apercebeu da mudança. Se pai fora colocado na sede dos Correios Telégrafos e Telefones e sua mãe como chefe de uma estação dos correios num dos melhores bairros da capital.

A infância foi extremamente feliz e partilhada com a irmã nascida já em Lisboa. Os pais de Carlos eram muito boas pessoas e rapidamente criaram uma rede de amizades na zona onde moravam; o emprego da mãe tornava-a conhecida de toda a gente. Moravam nas traseiras da própria estação dos correios, num rés-do-chão com quatro assoalhadas, com ligação directa ao local de trabalho. A localização da estação não podia ser melhor: em frente da paragem de eléctricos e autocarros, perto de um agradável café com esplanada situado paredes-meias com um cinema muito frequentado. Relativamente perto existia uma estação de comboios da linha Cais-do-Sodré – Cascais.

Carlos Beltrão frequentou a escola primária oficial do bairro e com a idade de onze anos ingressou no Liceu D. João de Castro, um dos melhores da capital, com uma localização soberba no Alto de Santo Amaro. Todas as manhãs não se cansava de admirar o Tejo e os diversos barcos que o sulcavam. Por vezes, pensava: - Esta vista maravilhosa convida ao estudo e dá saúde!

O liceu era masculino mas a partir de um determinado ano passou a ser misto nos sexto e sétimo anos que precediam a entrada na faculdade. As companhias de Carlos no liceu, até ao quinto ano, eram masculinas, assim como na zona da sua residência, onde jogava à bola, ao berlinde, ao pião, enfim, jogos próprios de rapazes. Foi com expectativa e entusiasmo que aguardou o início do sexto ano, pois sempre queria ver que espécie de raparigas iriam calhar na sua turma. Ao todo seis, e quando o pai lhe perguntou: - Então, as raparigas

são simpáticas? – Respondeu com desdém – Só “frascos”.

As semanas foram passando e, no convívio com as colegas, Carlos começou a notar uma delas, Irineia, moradora em Almada, aparecia invariavelmente à sua beira. Por obra do acaso, ou não, o certo é que a rapariga era sempre nomeada para grupos de trabalho aos quais Carlos pertencia; surgia-lhe repentinamente na Rua Luís de Camões quando se dirigia a pé para as aulas, aparecia-lhe muitas vezes com um queque nas mãos, nos corredores do liceu – Toma, comprei-o para ti – e pouco a pouco deu consigo a pensar nela quando estava em casa, a desejar telefonar-lhe a toda a hora sob qualquer pretexto, a querer ir para a escola no dia seguinte para a ver.

O namoro surgiu com naturalidade mas cedo descambou numa paixão escaldante; os primeiros beijos da sua vida transtornaram-no completamente. – Mas que raio tem o moço? – Perguntava por vezes a Dona Clarisse, sua mãe. O rendimento escolar de ambos ressentiu-se, contudo conseguiram equilibrar os estudos. Carlos só queria estar a sós com a namorada e sempre que podiam dirigiam-se para a Costa da Caparica, metiam-se no comboio da praia afastando-se do centro da vila. O receio de serem descobertos em atitudes mais ousadas inibia-os de fazerem o que ambos tanto desejavam.

O atraso de vida da tua avó nunca sai de casa – lamentava-se Carlos. – Se ela fosse até Lisboa podíamos ir para lá...

- Na tua casa é impossível estarmos sós – retorquia Irinei-ainda se houvesse alguém que tivesse um apartamento e to emprestasse ... Não conheces alguém, não?!

O mais que Carlos tinha conseguido, tinha sido beijar-lhe os seios, na praia, mas sempre a medo, com receio de serem vistos. Estavam sempre muito tensos. Depois de, durante semanas sem sucesso, falar com amigos sobre a possibilidade de algum

# audazes

lhe arranjar um apartamento por umas horas e de explorar sugestões que lhe iam dando, certo dia recebeu um telefonema que o deixou eufórico:

– Carlos, fala o Zé Gomes, o Firmino contou-me o teu problema; vou desenrascar-te!

Carlos encontrou-se com o amigo nos “Pastéis de Belém” passados minutos. O coração batia célere.

– A minha avó morava sozinha na Reboleira. Faleceu há um mês. O meu pai herdou o andar, um rés-do-chão esquerdo, alto. Por enquanto é raríssimo lá ir pois continuamos a viver na Ajuda – disse o Zé Gomes – eu até já lá fui com a minha miúda ... Empresto-te a chave mas na condição de te servires da casa a meio da semana, quando os meus velhos estão a trabalhar.

Irineia deu graças a Nossa Senhora de Fátima por ter atendido as suas preces. O telefonema de Carlos deixou-a doida de alegria.

No dia combinado partiram cedo de camioneta para a Reboleira. No trajecto não trocaram uma palavra tal o nervosismo de que iam possuídos. Carlos nem quase dava conta dos locais por onde passava; só pensava que dali a pouco tempo estaria deitado numa cama, nu, com Irineia a seu lado. Quando chegaram à paragem indicada por Zé Gomes, desceram e dirigiram-se para o local assinalado no croqui que o amigo desenhara. Tentando aparentar muita calma fizeram o reconhecimento da rua. Não se via praticamente ninguém. Carlos entrou no prédio. Irineia entraria cinco minutos mais tarde. A porta do rés-do-chão ficaria encostada.

Carlos só não soltou dezenas de palavrões porque não queria fazer o mínimo barulho. Embora as mãos tremessem, o certo é que a chave não entrava na fechadura! – O safado do Zé Gomes não me deu a chave certa! – pensou. Desesperado saiu do prédio. Irineia ainda descia a rua. – Segue-me discretamente – disse-lhe. Quando viraram a esquina, contou-lhe o que se passava. – Nada está perdido, junto do passeio há uma janela que não está



fechada – disse excitada a rapariga. – E é do lado esquerdo. Entramos pela janela! Esquece a chave. Carlos estava com o pensamento bloqueado. Só queria apanhar-se na cama com Irineia. Numa altura que lhes pareceu propícia ao passarem junto da janela empurraram-na e, lestos, saltaram para dentro de casa. O desnível do parapeito não era grande. – Carlos, vê a casa que eu tenho medo. O jovem abriu todas as portas; nem viv'alma.

– A velha tocava piano – pensou ao espreitar para a sala.

Correu para o quarto, Irineia aguardava-o já despida. Passada uma hora os receios abateram-se novamente sobre ambos e decidiram, embora a muito custo, abandonar a casa, tanto mais que, por mais algum tempo, deveriam poder continuar a ter acesso ao seu primeiro ninho de amor.

Estás a gozar comigo, ou quê?! – exclamou Zé Gomes ao receber a chave de Carlos – com que então a chave não é esta! Gozaste à grande e agora vens com coisas!

Carlos contou-lhe tudo o que se passara.

– Janela? Entraram pela Janela? Então eu não disse que era um rés-do-chão alto? Ó estúpido, frisei bem que era no rés-do-chão esquerdo, rés-do-chão alto – gritou Zé Gomes – Tu entraste foi na cave da Dona Céu. Se a minha avó já faleceu a janela não podia estar encostada.

– Tinha o raciocínio parado – justificou-se Carlos – Não pensava em nada, excepto deitar-me com ela. Já mais calmo Carlos acrescentou: – Quando vi um piano na sala até pensei que a tua avó tocasse nele. – Coitada dela, até tinha reumático nos dedos das mãos ... Olha, a sorte protegeu-vos, foi o que foi. Ai se a Dona Céu tem regressado a casa mais cedo...

# Uma história

**E**ra uma vez um homem. O homem vivia na ilha. A ilha era habitada por muitos homens como ele que faziam da vida uma luta constante pela sobrevivência. Era duro viver na ilha. Os dias eram todos muito iguais e o homem sentia-se asfixiar na pequenez de um horizonte que acabava logo ali, aos seus pés, numa terra onde enterrava, todos os dias, a sua vitalidade.

Nem sempre havia sol. Os Invernos eram rigorosos, com ventos fronteiros e chuvas intensas. Nesses dias o homem parava de lutar com o corpo, mas a alma enchia-se de tristeza. Ficava à lareira com a mulher e os filhos, mas não parava de pensar, ruminar naquela rotina sem graça a que se sentia inevitavelmente preso. Ouvira falar de homens, sonhadores e temerários que haviam emigrado e encontrado sucesso em outras terras. Mas ele nunca ousara fazer o mesmo! O mar parecia-lhe tão imenso! Para lá do pego não conhecia nada. As ganhoas passavam em voo alto, em direcção ao zénite, como se aquele lugar fosse um fim do mundo sem direito a paragem para descascar sequer. Mas continuava cansado daquela espera pelo nada.

É certo que sonhava com uma fuga. Mas tinha tanto medo...

Porém um dia...

Um dia... Foi um dia. Sei que não foi fácil a decisão de deixar a ilha. Sei que, para muitos de vós, foi um embarque no vazio. Vivo na ilha há muitos anos. Nasci numa das mais pequenas parcelas do arquipélago e sei bem o preço da solidão, num tempo de pouco "conduto" e muito cansaço. Sei como o pão era duro de ganhar naquela época em que poucos tinham acesso a mais do que a escolaridade obrigatória, quando o pão era garantido pela terra e pelo mar, que vergava homens e envelhcia mulheres, em rotinas desesperantes. Sou do tempo da caça à baleia, do foguete a anunciar o pão, das mortes

no mar, do medo, da dor, do desespero, da fuga... Sou do tempo em que os homens saltavam em baleeiras desapareciam para só voltarem, muitas vezes, uma década depois numa terra de abundância que sabíamos ficar para lá do Monchique e onde se falava estranha língua mas onde o pão se ganhava com menos dor.

Alguns de vocês deixaram os Açores numa época que se parecia em muito com esta. Mais recentemente, emigra-se com outras certezas, tem-se alguém à espera do lado de lá do medo, é mais fácil começar a vida.

Tenho profundo respeito por quem emigra. Todos temos consciência de que na nossa terra aparece sempre um vizinho, um amigo, alguém para nos socorrer num momento de desdita. Na mercearia da esquina da nossa rua, temos crédito garantido. Os nossos vizinhos gostam de meter o "bedelho" nas nossas vidas mas, nos maus momentos, aparecem todos num gesto único de uma imensa solidariedade. No fundo estamos todos no mesmo barco e essa certeza ajuda-nos a sobreviver em irmandade. Tem sido assim que as ilhas pequenas têm resistido a catástrofes, derrocadas, acidentes, etc., etc.. O ilhéu sabe ser muito solidário quando é preciso!

Emigrar é também resistir. Emigrar é deixar o ninho vago e construir um novo espaço para ser feliz. E todo este processo de mudança dói. Até ganhar raízes, noutra país há um tempo para a esperança e outro para a sua concretização e que é, muitas vezes, mais longo do que se desejaria. Que conhece, não raras vezes, os atropelos da doença ou as contrariedades da má sorte.

A dificuldade que muitos adultos encontram na aquisição de conhecimentos básicos da língua do país receptor é outro obstáculo, sobretudo se tivermos em linha de conta que as gerações mais jovens fazem essa aprendizagem de forma muito rápida, ganhando uma autonomia considerável e desvalorizando, muitas vezes, o enorme potencial



# antiga

de cultura de vida dos velhos, dependentes de quem conheça a língua para resolução dos seus mais elementares problemas do dia a dia.

A terceira geração não vai voltar a Portugal, por razões culturais e outras. Há apelos mais importantes. Os avós vão ver crescer os netos, oferecendo colo e beijos, manifestações únicas de um amor que não conhece fronteiras culturais ou linguísticas. Um abraço bem forte pode dizer mais que catadupas de palavras. Aprecio muito as mães açorianas que continuam a fritar torresmos, a assar alcatra e a encher morcelas para oferecerem aos filhos nos almoços de domingo. Imagino que, na sua maioria, os netos petiscam, sem grande entusiasmo, enquanto se empanturram de *hamburgers* ou *pizzas* numa terra descaracterizada do ponto de vista gastronómico, sem perceberem que o resto da família saboreia a saudade no pão de milho que está na origem de algumas das causas da emigração açoriana. Lembro-me bem do tempo em que o pão de trigo era para os dias de festa.

Não estou a pretender caracterizar o emigrante açoriano. Sei que cada pessoa sente à sua maneira as coisas e as terras. Cada um é feliz à sua medida e a medida de cada um é subjectiva. Esta é apenas uma carta de flashes e de afectos. E se pretendo dizer alguma coisa, é fundamentalmente isto: a sociedade Açoriana evoluiu muito nos últimos anos. Aumentou o poder de compra, massificou-se o ensino, democratizou-se a escola, a agricultura conheceu novos rumos (...). Já vou longa nesta carta de simpatia mas apeteceu-me contar a história de um país, de uma Região que, desde a abertura das portas da esperança em Abril de 1974, fez um percurso de desenvolvimento impensável. Não sei se tudo terá sido muito bom. Sei que há uma actua-



lização quase diária na vida de um país em democracia e de uma Região que se abre ao exterior. Os jovens estão mais independentes e mais reivindicativos. As escolas e Universidades debatem-se com problemas de sobrelotação. Todos querem aprender e saber mais. A cultura transforma-se num processo dinâmico e o crescimento económico é vertiginoso. Estas razões que determinam o tamanho desta carta que pretende aproximar-nos o mais possível duma realidade cuja medalha tem também o seu reverso.

Há poucos anos atrás, as ilhas não conheciam a droga, a prostituição ou a violência. Hoje sabemos, infelizmente o que todas estas coisas são.

Continuam a existir guerras entre ilhas e várias categorias de ilhas. Não se pense que as pessoas mudam ao mesmo ritmo das coisas. Temos uma herança cultural e uma filosofia de vida que levaremos até morte. Portugal viveu em regime autoritário e aprender a viver em democracia é um exercício complicado que nem todos realizam da maneira adequada...

Termino com umas frases que alguém meteu, há dias, no meu *E.mail* e que quero partilhar convosco porque me parecem uma importante lição de vida para se ser feliz neste Mundo:

*Trabalha como se não precisasses do dinheiro.  
Ama como se nunca ninguém te tivesse feito sofrer.  
Dança como se ninguém estivesse a olhar para ti.  
Canta como se ninguém te estivesse a ouvir.  
Vive como se o Paraíso fosse na Terra.*



**N**o cinema surgem por vezes aqueles filmes de pacotilha: filmes feitos para publicitar um país, uma região; filmes para apregoar uma mentalidade dominante, pré-definida; filmes de classe, sobretudo da classe do personagem principal, normalmente a média burguesia senão for a alta, como se vê em certas novelas portuguesas onde cozinheiros, motoristas, criados abundam. Descansem-se os leitores, o filme de que venho vos falar não se encaixa em nenhum destes padrões, se bem que, por um outro realizador outra coisa não poderíamos esperar. Um filme de autor, como o é Robert Guédiguian, francês de Marselha, militante e amante do cinema e do teatro.

### A viagem

“Voyage en Arménie”, filme francês de 2006, realizado por Robert Guediguian, fala disso mesmo, duma viagem à Arménia para descobrir um país, um povo. A personagem principal, médica, com o marido empreendedor, que exhibe

o seu Mercedes, após uma análise médica a seu pai, descobre-o canceroso. Tem de ser operado. O pai, com um medo natural de ir à faca nesta sociedade hiper-medicalizada, foge a sete pés para o seu país de origem, a Arménia. A filha da médica convence a mãe a ir encontrá-lo e esta, mulher d’armas, não hesita: deixa-a e ao marido e parte com um atraente e suspeito arménio em descoberta do país dos seus pais. Tudo parece encaminhar-se para o filme dentro dos padrões acima assinalados. Engane-se o leitor.

### Bíblico

A Arménia, antiga república socialista da extinta união soviética, torna-se independente com a queda do bloco comunista. Depois disso a situação repete-se como em muitas outras ex-repúblicas socialistas: entrada abrupta no sistema capitalista, corrupção, decadência e destruição de todos os antigos baluartes dos comunistas, como a educação e a saúde. E é neste buraco que cai a nossa pobre médica, com os seus sapatos de

PORTUGAL CONTINUA A DAR ALEGRIAS.



SOLUÇÕES MG EMIGRANTE. TENHA ORGULHO NOS SEUS RENDIMENTOS.



**MONTEPIO GERAL**

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE

# turísticos

cinderela à procura do seu pai sem saber falar uma só palavra de arménio e não podendo confiar no atraente e mafioso companheiro de viagem. De consolação serve-lhe a vista do bíblico monte Ararat da janela do seu quarto de hotel. Que é turco, já agora.

Mas a nossa médica é uma mulher forte, de sangue arménio. E, despedindo-se do seu quarto de hotel despe também o filme do seu traje turístico. E parte ao conhecimento do país e do seu povo.

## Às armas

O estilo do realizador roça tanto a improvisação como o complexo: se de repente estamos numa história de mafiosos, num outro instante deixamo-nos envolver pela filosofia profunda dos personagens e da paisagem. Talvez seja essa a fraqueza do filme, o constante desequilíbrio narrativo, mas é também a sua grande atracção, como se tratasse dum guia anti-turístico dum autor anti-sistema, contra a sociedade de consumo. Já dizia Raul Brandão: temo os países que se adaptam ao gosto dos turistas. No fim seguimos com ela por essa estrada fora,

por essa Arménia de revolucionários e juventude perdida, de mafiosos oportunistas e de idealistas que não têm medo de pegar em armas. O écran enche-se de contradições mas rejubila de energia e motivações; pega-se nas armas e pensa-se num outro mundo; olha-se em frente e vemos os jovens indecisos, perdidos no sistema; fuma-se um cigarro e a utopia mais simples e distante é-nos narrada por um velho taxista.

A grande força do realizador eleva-se como o monte Ararat: estamos sempre a tempo de mudar o destino, de resumir dialecticamente o nosso passado e ensiná-lo ao futuro, a juventude que mais cedo ou mais tarde desencadeará a marcha irreversível.



## Pessoas

Temos a certeza de que a **Pessoas** passa a fazer parte do seu dia-a-dia. Não perca tempo. Este é o cupão de assinaturas.

Preencha-o e devolva-o. **Já!**

Pessoas magazine – Case Postale 1877 – 1211 Genève 1

Nome/Non: .....

Morada/Adresse: .....

Código postal: .....

Tel. ....

Assinatura anual (Suíça) 20frs  (Europa) 40frs

Assinatura anual de Apoiente  .....frs



# Aigle – capital mundial

## Castelo – Museu do Vinho,

**O** Outono esfalfa-se a derramar cores pelos vinhedos. Traz as vindimas e os derradeiros esforços nas caminhadas campestres. É com roupagens outonais que a capital mundial do ciclismo – Aigle – se oferece à descoberta.



Cidadezinha calma a cativar os frequentadores da *Riviera Vaudoise* onde pontuam *Lausanne*, *Vevey*, *Montreux* e *Villeneuve*.

A nossa visita não escolheu Aigle, propriamente dita, para “roteiros”, mas não resistimos a percorrê-la no mimoso comboio turístico – Le P’tit Chablaisien – antes de entrarmos no seu castelo, este sim, destino principal.

Destacamos a pavimentada rua de Jerusalém, reservada a peões, ladeada de simpáticas construções com típicas passagens cobertas

– não vá a chuva estragar as vistas – e montras oferecendo produtos regionais. A rua do *Burg* segue o mesmo enquadramento arquitectónica da anterior. O bairro mais antigo e genuíno é *Cloître* com a igreja de *Saint-Maurice*. Uma outra igreja com significado especial para os *Aiglons* é a denominada *église allemande* – *Saint-Jacques*, de traça medieval. Nela pregou o grande Reformador *G. Farel* (1489-1565) quando aí habitava, no nº10 da rua que hoje tem o seu nome.

Para os amantes de ciclismo existe o espectacular velódromo coberto com uma pista de 200 metros. Local de eleição para as provas desta

modalidade – a 8 de Outubro desenrolou-se o Campeonato Suíço de Madison.

Rumando, agora, ao castelo de *Aigle*, em plena região vinícola do *Chablais*, destaca-se pela beleza da construção e pelo enquadramento paisagístico. A silhueta granítica emerge, altiva, no mar verde de vinhedos. É um dos mais importantes do cantão. No conjunto arquitectónico albergam-se dois museus: *de la Vigne et du Vin* e o *Musée International de L’Étiquette*.

Os muros bem restaurados preservam 2000 anos do património histórico desta região, da Suíça e de dezenas de países, na *Maison de la Dîme*.

*Aigle*, em tempos, cidade *savoyarde* foi dotada de impostos municipais em 1232. A região subdividia-se em pequenos feudos de famílias nobres e da abadia de *St. Maurice d’Agoune*.

Mais tarde esta zona viria mesmo a adquirir o topónimo de *Allio* nome da família *Allio* ou *D’Aigis* que mandou edificar um centro administrativo no local onde hoje se ergue a *Maison de la Dîme*.

Os nomes das famílias: *Saillon* mandaram construir o castelo), *Vallise* e *Chivron* transformaram-se em topónimos de povoações da comuna.

Em meados do séc. XIV, por acordos nupciais, o domínio de *Aigle* passa da família *Saillon* para a de *Compey*, de origem genebrina.



# de ciclismo

## da Vinha e da Etiqueta



Daí que, o Senhor de Aigle, desde 1434 a 1476, tenha sido *Jean II de Compey*.

Esta personagem suscitou rivalidades e ódios, entre os nobres *savooyards*, por ser o favorito da duquesa Ana de Lusignan, esposa de Louis I da Sabóia.

Escapando a ciladas e a uma tentativa de assassinato, vingou-se assassinando vários nobres saboianos e um deles, François Sales foi enforcado no próprio castelo.

Mais tarde, as guerras da *Bourgogne* - opuseram os suíços e o aliado rei de França, Louis IX, ao duque Carlos o Temerário - mudaram radicalmente a face de Aigle.

Como era um local de passagem importante das tropas mercenárias, vindas de Itália (atravessando o Grand-Saint-Bernard), que se iam juntar ao exército de *Bourgogne*, os Bernois resolveram acabar com essa situação e com a ajuda dos *Ormonts (pays D'Enhaut)* invadiram a região e cercaram o castelo onde se tinham fortificado *Jean Compey* e os mercenários. Noite dentro, *Compey*, consegue evadir-se enfurecendo os *Bernois*. Estes, enraivecidos, incendiam parcialmente o castelo.

Em 1476, o duque da *Bourgogne* é derrotado em *Morat* e foge para lá do Jura. Esta situação leva o Congresso de Fribourg a atribuir a região do Chablais (onde se encontra Aigle) ao Governo de Berna (excepto Villeneuve).

Assim, a região, passa a apelidar-se de *Gouvernement* com sede no castelo.

Berna, não se contentava com governar o território, interessava-lhe, também governar as mentalidades e de 1576 a 1530, destaca um professor e pregador, *Ursinos*, que não era outro senão o grande Reformador *Guillaume Farel* encarregado de “converter” os católicos ao protestantismo.

Este, organizando o culto e recrutando pastores para as paróquias, conseguiu que Aigle se tornasse no 1º território oficialmente protestante. Em 1798, os *Aiglons*, ao mesmo tempo que o país de Vaud declararam a independência e tornaram-se membros de pleno direito da República Helvética.

Voltando, de novo, ao castelo crê-se que foi construído provavelmente nos princípios do séc. XIII pela já focada família *Saillon* possui-

## Aigle – capital mundial de ciclismo

Castelo – Museu do Vinho, da Vinha e da Etiqueta



dora de imensos domínios autorgados pelos condes de Sabóia.

Inicialmente, esta fortaleza, era desprovida de fortificações mas ao longo dos tempos foram-se erguendo as muralhas, os fossos e outros recantos menos expugnáveis.

O Museu *de la Vigne et du Vin* ocupa várias salas, aí se expõem colecções de objectos de vidro, de estanho e de utensílios vinícolas, que recontam a história do séc. XVII até aos dias de hoje. Admire-se a encantadora tapeçaria exposta cujos desenhos nos transportam aos vinhedos e aos cachos amadurecidos.

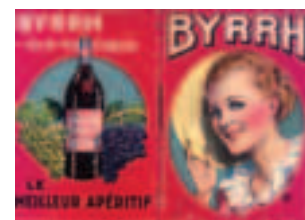
O *Musé International de L'Étiquette* ocupa a *Maison de la Dîme* a poucos passos do castelo, enquadrada pelas vinhas que neste Outono primam pela abundância dos cachos e pela garridice da folhagem. Aqui deparamos com mais de 150.000 gravuras provenientes de dezenas de países, cada qual a mais apelativa e graciosa insinuando através das cores e do grafismo a relação cultural que cada um e cada país mantém com o néctar de Baco.

Ficamos a saber que a etiqueta apareceu logo que o homem descobriu a escrita. Este marcava nos recipientes o nome do líquido que guardava.

Interpretaram-se textos escritos em ânforas no Egipto, que nos remetem para o séc. XIV a.C. e depois para a Antiguidade, onde constava o tipo de vinho e o ano da produção.

Hoje, as indicações aparecem-nos gravadas em apelativos papelinhos, mas já desde 1797, os recipientes vêm alindados com os famosos papelinhos que identificam o conteúdo.

Enfim, vale a pena descobrir a relação forte, ou fraca, que o homem manteve com o vinho, durante séculos, através destes “Bilhetes de Identidade Vinícola”.



Catarina Reis



## Brigada Ligeira

*A poucos dias do início de tantas coisas boas,  
- as castanhas, o aquecimento das casas, o ar de Natal, as notas escolares  
dos nossos filhos - nós oferecemos-lhe este texto de palavra fácil e de quase  
faca na liga.*

*Leia até ao fim, para que saiba que não escrevemos tantas asneiras como  
dizem as más línguas nem merecemos o prémio Nobel como insinuam os  
nossos amigos.*

O que parece nem sempre é. Se comerçarmos a ver isso quando recebemos a folha de salários, então ficamos mais do que desanimados com o panorama desolador dos descontos para tudo e mais alguma coisa. Sempre pensei que poderíamos descontar para garantirmos uma velhice tranquila, mas parece que não. Sempre pensei que aqueles dinheiros que me levam, à força, do meu bolso, estariam de volta, em anos mais calmos, para conforto do reumatismo e presente lindo de netos aloirados. Nada disso. É sempre a descontar e sempre a desconfiar. Desconfiança tal que o país ameaça parar e o Primeiro Ministro ameaça continuar a fazer mais do mesmo.

É mesmo teimoso, o homem que manda nas contas, nos contos e nos descontos do país. E manda nas escolas, e nos professores, e nessa coisa que se chama “Ensino de Português no Estrangeiro”- EPE). Mas devia mandar muito melhor: deixar tudo isto na mesma para que os professores não se queixem, para que os alunos tenham boas notas de borla, para que o país continue a ser o mais avançado, rico, bonito e sedutor do mundo! Mandar muito mais só para que as coisas fiquem na mesma? P’rá frente é o caminho.

E porque de caminho se trata, nós queremos que a crise acabe – mesmo se aquele que manda e dá pelo nome de Sócrates ande por aí a dizer que isto ainda está para durar – nós, o que

queremos é que a carteira se encha, que o S. Martinho, agora que é um santo modernão, traga aquilo que deve: castanhas e euromilhões. Com um bocado de sorte, ainda vem aí o vinho verde, para animar a gente.

Desanimados andam os das escolas e os das câmaras: os primeiros porque parece que há cada vez menos catraios para ensinar e cada vez mais professores sem emprego: é uma pena, dado que ensinar pode-se fazer sempre e aprender, dizem, é até morrer. Os segundos, os senhores das câmaras municipais, andam de candeias às avessas com o Governo. Parece que começa a faltar o dinheiro para coisas sérias e importantes – a educação, a saúde e coisas desse tipo – e outras bem menos necessárias: os fogos de artifício, as publicações de promoção populista e as campanhas politiquieras que duram, por vezes, 4 ou mais anos!

Não há maneira para que estes senhores se entendam nem há “maneiras” para que se respeitem. Ainda mais: fazer de uma função tão nobre quanto indispensável um palco de chacota e uma arena de ataques políticos de mau gosto, é de lamentar. Mas é de afirmar e de confirmar, apesar do que foi visto e ouvido na conversa da TV sobre a nova Lei das Finanças Locais, que há autarcas empenhados, sérios e com um profundo sentido de cidadania. Felizmente.

## Genève

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul Geral – Dr. Júlio Vilela  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Atendimento, de Segunda a Sexta-feira  
 das 8h30 às 13h30  
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38  
 mail@cggen.dgaccp.pt  
 www.secomunidades.pt/genebra

Serviços de Ensino  
 Responsável Dra. Graciete Camejo  
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex  
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68  
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões  
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève  
 Tel. 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37  
 camoes@bluewin.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6  
 Emissão em Português  
 Hora Lusitana - Genève  
 A P I C - Association Portugaise  
 d'Information et Culture  
 Sábados e Domingos das 17.00h às 18.30h  
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69  
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento  
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève  
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93  
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP  
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45  
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos  
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève  
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69  
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores  
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44  
 www.totta.pt

Montepio Geral  
 R. Terr. du Temple, 9 - 1201 Genève  
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04  
 www.montepiogeral.pt

## Lausanne

Banco Espírito Santo  
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15  
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP  
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne  
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34  
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES  
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne  
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31  
 agence@sep-voyages.com

## Sion

Escritório Consular de Portugal  
 Chanceler - Rosa Paiva  
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion  
 Atendimento, de Segunda a Sexta-feira  
 das 8h30 às 13h30  
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11  
 mail@cggen.dgaccp.pt

## Bern

Embaixada de Portugal em Berne  
 Dr. Eurico Henriques Paes  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Atendimento, de Segunda a Sexta-feira  
 das 9h00 às 14h30  
 Tel 031 351 17 73 Fax 031 351 44 32  
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino  
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva  
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern  
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32

## Zurique

Consulado Geral de Portugal  
 Cônsul - Dr. Simeão Archer Pinto de Mesquita  
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique  
 Atendimento, de Segunda a Sexta-feira  
 das 8h30 às 14h00  
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50  
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Rádio Lora - 97.5 FM  
 Emissão em Português  
 Espaço Português - Zurique  
 Sábado - das 15.30h às 17.00h  
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17  
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM  
 Emissão em Português  
 Espaço Português - Aaral  
 Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h  
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74  
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP  
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique  
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45  
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal  
 Zeltweg, 15 - 8032 Zürich  
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60  
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal  
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich  
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89  
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix  
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich  
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20  
 www.agenciafelix.ch

## Jornais e Revistas

Boletim Informativo  
 Lusitano de Zürich  
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich  
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona  
 Dir. Adelino Sá  
 Postfach 3010 - 6002 Luzern  
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42  
 a\_sa@gazetalusofona.ch  
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop  
 Dir. Carlos Lopes  
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg  
 Tel. 079 432 13 47  
 www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário  
 Dir. Mário Pereira  
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça  
 Tel. 079 775 62 88  
 www.lusoanuario.com  
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético  
 Dir. Ribeiro Santos  
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny  
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64  
 director@luso-helvetico.ch  
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine  
 Dir. António Pinheiro  
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1  
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37  
 pessoasmagazine@bluewin.ch



**Caixa Geral  
de Depósitos**

HÁ MAIS NA CAIXA  
DO QUE VOCÊ IMAGINA.

## APRENDA PORTUGUÊS À DISTÂNCIA

Cursos de língua portuguesa para  
clientes residentes no estrangeiro.

Inscreva-se através de  
[www.cgd.pt](http://www.cgd.pt)

Aproveite a oportunidade.

Oferta promocional limitada.

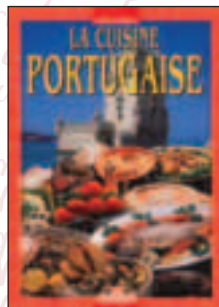
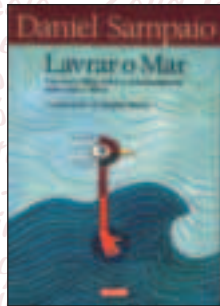


# Livraria Camões



Concretize sonhos!  
Ofereça livros!

## Os dez mais



## Música

## Os Cinco mais



### Literatura Portuguesa

romance, ficção, ensaio, investigação,  
culinária, história, conto, aventura...

Manuais escolares e toda a música

portuguesa disponível em CD e DVD.

Visite-nos em:

[www.livraria-camoes.ch](http://www.livraria-camoes.ch)